



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

BRUNO SILVA PEDRA DA ROCHA

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A ARTICULAÇÃO DE
ORAÇÕES ADJETIVAS EXPLICATIVAS NA LIBRAS**

Porto Nacional, TO
2025

Bruno Silva Pedra da Rocha

**Considerações iniciais sobre a articulação de orações adjetivas explicativas
na Libras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como
requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras

Orientador: Dr. Bruno Gonçalves Carneiro

Porto Nacional, TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R672c Rocha, Bruno Silva Pedra da.

Considerações iniciais sobre a articulação de orações adjetivas explicativas na Libras. / Bruno Silva Pedra da Rocha. – Porto Nacional, TO, 2025.

71 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2025.

Orientador: Bruno Gonçalves Carneiro

1. Orações complexas. 2. Hipotaxe. 3. Adjetivas explicativas. 4. Libras. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bruno Silva Pedra da Rocha

**Considerações iniciais sobre a articulação de orações adjetivas explicativas
na Libras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro, UFT - Orientador

Prof. Dr. Rodrigo Nogueira Machado, UFC – Membro externo

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig, UFT – Membro interno

Prof. Dr. Felipe de Almeida Coura, UFT – Membro suplente

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, expresso minha profunda gratidão a Deus, cuja força e inspiração foram fundamentais em cada etapa desta jornada, iluminando meu caminho e proporcionando-me o sustento necessário para seguir em frente.

Aos meus pais, **Valdir Pedra da Rocha e Rosângela Silva Pedra da Rocha**, cujos corações, embora separados fisicamente do meu, continuam a me acompanhar de forma indelével. Sou profundamente grato por seu amor incondicional, pelo apoio contínuo e pela incansável dedicação aos filhos, elementos essenciais para minha jornada e crescimento.

Às minhas irmãs, **Mariana Silva Pedra da Rocha e Yara Barreto Rocha Neta**, cujas manifestações de afeto, cada uma de maneira singular, têm sido fontes constantes de força e inspiração. Sua dedicação e apoio, sempre expressos por meio de gestos de amor genuíno, são motivos de grande orgulho e gratidão.

Aos meus avós, **Yara** (*in memoriam*), **Francisco** (*in memoriam*) e **Amélia**, agradeço sinceramente pelo carinho, pela sabedoria e pelos valiosos ensinamentos, um legado construído ao longo de muitos anos. Cada um de vocês desempenhou um papel fundamental em minha formação, influenciando positivamente minha trajetória.

Aos meus tios e tias: **Walney** (padrinho), **Pedra Filho** (*in memoriam*), **Carlinhos**, **Alberto**, **André**, **Gal** (madrinha), **Leda**, **Soraia**, **Cássia**, **Lucila** e **Ana Paula**, expresso minha profunda gratidão pelo apoio incondicional, paciência e colaboração que sempre me proporcionaram. A presença constante de todos em minha vida tem sido fundamental, representando pilares de amor, dedicação e auxílio constante ao longo da minha jornada.

Aos meus primos: **Lucas**, **Manuela**, **Paulinho**, **Ruth**, **Pedro**, **Mario Augusto**, **Pedrinha**, **Caio**, **Nayara**, **Malu Pedra** (minha afilhada), **Lucca Pedra** (meu afilhado), **Matheus**, a imensa **Clarinha**, e aos pequenos **Joaquim**, **João**, **Felipe**, **Théo** e **Luan**, expresso minha sincera gratidão pelo amor constante e pela energia positiva que sempre me oferecem. Sua presença, com apoio irrestrito e uma torcida incansável, foi uma fonte fundamental de força e motivação ao longo de minha jornada.

Aos meus amigos: **Marcos Moraes**, **Alexander Ivo**, **Rafael Andrade**, **Marcelo Jesus**, **Andiara Zatti**, **Lívia Andrade**, **Fabíola Barbosa**, **Priscilla Leonor**, **Leonardo Brandão**, **Bárbara Gottschalk**, **Roberto Costa**, **Alex Pereira** e **Dilcinéia Reis** pela amizade verdadeira e pelo apoio constante durante esta caminhada. Agradeço por estarem sempre ao meu lado.

Ao Prof. Me. **Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque** e ao Prof. Me. **José Ishac Brandão El Khouri**, dois profissionais surdos, expresso minha profunda gratidão pela valiosa assistência prestada na gravação e edição deste trabalho. Sua colaboração foi essencial e demonstrou o alto nível de competência e profissionalismo, sendo uma contribuição significativa para a realização deste projeto.

Ao Prof. Dr. **Marcos de Moraes Santos**, sou grato por sua constante orientação e apoio, que foram fundamentais para que eu acreditasse no meu potencial e alcançasse os resultados que conquistei até o momento. Sua disposição em oferecer suporte, assim como sua atenção dedicada, foram cruciais para que eu não perdesse a motivação em nenhum momento. Além disso, não posso deixar de destacar o impacto positivo de seu espírito brincalhão e bem-humorado, que trouxe leveza e alegria ao meu dia a dia, mesmo diante das dificuldades. A amizade que cultivamos ao longo dos anos tem sido uma das experiências mais enriquecedoras e significativas da minha vida.

Aos tradutores e intérpretes que me acompanharam ao longo da dissertação, **Roberto César Reis da Costa** e **Mairla Pereira Pires Costa**, registro minha profunda gratidão pelo apoio exemplar proporcionado durante todo este processo. A assistência prestada, que se manifestou tanto na realização de traduções e interpretações de elevada qualidade quanto no empenho contínuo, evidenciou uma dedicação e paciência notáveis. Para além de profissionais altamente competentes, considero-as amigas valiosas, cuja amizade terei o privilégio de levar por toda a vida. Agradeço-lhes sinceramente por, mesmo diante de uma agenda repleta de compromissos, terem se tornado pilares indispensáveis em minha jornada acadêmica, facilitando a comunicação e a compreensão de forma fluida e com todo o necessário rigor profissional.

Aos membros da banca examinadora da qualificação e defesa deste trabalho, expresso minha sincera gratidão. Ao Prof. Dr. **Rodrigo Nogueira Machado**, da Universidade Federal do Ceará, que, desde a qualificação, demonstrou um profundo envolvimento com as questões abordadas nesta pesquisa, oferecendo orientações valiosas que foram determinantes para o aprimoramento deste estudo até o estágio atual. Ao Prof. Dr. **Carlos Roberto Ludwig**, da Universidade Federal do Tocantins, agradeço por aceitar o convite para avaliar a presente dissertação e por sua disposição em contribuir com a descrição da Libras, o que se reveste de especial importância para mim.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras) do Câmpus de Porto Nacional, em especial ao Prof. Dr. **Carlos Roberto Ludwig**, expresso minha sincera gratidão pelo apoio acadêmico proporcionado ao longo deste processo. Agradeço as valiosas

orientações recebidas durante a qualificação deste trabalho. Sua contribuição foi fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento da pesquisa, e sua orientação transmitiu uma confiança sólida no rumo e nas perspectivas futuras do trabalho.

Ao Prof. Dr. **Bruno Gonçalves Carneiro**, meu orientador, expresso minha mais profunda admiração e respeito. Agradeço-lhe imensamente pela paciência, dedicação e compromisso com o ensino, além de sua postura exemplar como profissional. Sua constante motivação e incentivo, bem como sua contribuição significativa para a promoção da inclusão e para o desenvolvimento das pesquisas sobre a língua de sinais foram elementos essenciais para a realização deste trabalho. Sua orientação foi fundamental para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Registro minha profunda gratidão a todos os amigos e colegas que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para o êxito desta pesquisa, oferecendo apoio valioso e significativo.

À CAPES, pela concessão de bolsa de estudo para que eu pudesse cursar mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins.

RESUMO

Este trabalho é um estudo descritivo sobre articulação de orações na Língua Brasileira de Sinais. O objetivo é descrever como acontece a articulação de orações na Libras a nível de hipotaxe, mais especificamente, as orações hipotáticas adjetivas explicativas a partir de dados da língua em uso. As orações articuladas no nível de hipotaxe podem abranger tanto as orações adverbiais quanto as adjetivas explicativas, ou seja, aquelas que fazem parte da organização discursiva do falante, mas não funcionam como argumento da oração primária (Neves, 2001). No caso das adjetivas explicativas, a oração funciona como uma paráfrase, por representarem um esforço de informação e exemplificação (Cavalcante; Rodrigues; Coan, 2014). Os estudos linguísticos ainda são escassos em relação à articulação de orações na Libras. Este estudo parte de uma perspectiva funcionalista da linguagem e apresenta reflexões iniciais sobre o tema. Sete dados de orações adjetivas explicativas foram analisados no Software *Eudico Linguistic Annotator* (ELAN), a partir de dados do *corpus* da Libras da região de Palmas. Os dados foram tratados e analisados e, posteriormente, os achados foram apresentados para integrantes de um grupo de pesquisa para discutir os resultados. Observamos que as orações adjetivas explicativas são articuladas a partir da (1) quebra de um padrão prosódico que compõe a oração principal, que acontece a partir de inclinação de cabeça, abertura de olhos, mudança de direção do olhar, elevação de sobrancelhas, ou ainda, discreto fechamento dos olhos. Observamos também uma (2) pausa distintiva durante a sinalização dos constituintes da oração adjetiva explicativa, a partir da suspenção do sinal, bem como a sinalização de sinais em pontos diferentes do espaço de sinalização, promovendo uma espécie de enumeração. Embora sejam reflexões iniciais sobre o tema, este estudo pode contribuir para uma maior compreensão sobre o funcionamento da Libras nesse nível de análise.

Palavras-chave: Orações complexas. Hipotaxe. Adjetivas explicativas. Libras.

ABSTRACT

This essay aims to study the clauses articulation in Brazilian Sign Language (Libras), and it concerns ongoing research at the Federal University of Tocantins. It focuses on how the clause articulation occurs in the case of hypotaxis, more specifically, the explanatory hypotactic adjective clauses from data of the language in use. The articulated clauses concerning hypotaxis may include either adverbial clauses or explanatory adjective clauses, that is, those clauses which are a part of the discourse organization of the speaker, however, they do not work as an argument of the primary clause (Neves, 2001). In the case of the explanatory hypothetical adjectives, the clause works as a paraphrase, as it represents an effort of information and explanation (Cavalcante; Rodrigues; Coan, 2014). Linguistic studies are still sparse with regard to clauses articulation in Libras. the current study is based on the language from a functionalist perspective, and it demonstrates the preliminary data investigated. Natural data from the language in use were investigated by using the software Eudico Linguistic Annotator (Elan), from the data of Libras corpora, as well as from videos available in social networks. Data were processed and analyzed and afterwards, the findings were demonstrated to the persons of the research group in order to validate data collected. We have found that explanatory hypothetical adjective clauses are articulated from a break in the prosodic pattern, which is a part of the main clause. we have also found a distinctive pause when the constituents of the secondary sentence are signaled. We believe that this study may contribute to a great understanding on how Libras works at the hypotactic level of analysis, as well as it will provide a better understanding of the organization of natural languages.

Keywords: Complex clauses. Hypotaxis. Explicative adjectives. Libras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação sintática da oração prototípica	21
Figura 2 - Expressões faciais superiores e inferiores	26
Figura 3 - Contínuo de dependência e integração entre orações	27
Figura 4 - Sinal de Parataxe.....	28
Figura 5 - Exemplo de oração parataxe conjuntiva (aditiva).....	29
Figura 6 - Exemplo de oração parataxe adversativa.....	29
Figura 7 - Exemplo de oração parataxe (adversativa)	30
Figura 8 - Exemplo de oração parataxe (disjuntiva/alternativa).....	31
Figura 9 - Sinal de Hipotaxe.....	32
Figura 10 - Hipotaxe adverbial de finalidade assindética.....	33
Figura 11 - Hipotaxe adverbial temporal (simultâneo)	34
Figura 12 - Hipotaxe adverbial condicional	35
Figura 13 - Hipotaxe adverbial de condição.....	36
Figura 14 - Hipotaxe adjetiva explicativa.....	37
Figura 15 - Sinal de Subordinação	38
Figura 16 - Oração subordinada substantiva (objeto).....	39
Figura 17 - Oração subordinada substantiva (sujeito)	39
Figura 18 - Oração subordinada adjetiva restritiva	40
Figura 19 - Espaço de filmagem.....	43
Figura 20 - Estruturação do espaço do estúdio	45
Figura 21 - Captura de imagens em vídeo	46
Figura 22 - Mapa da Região Metropolitana de Palmas –Tocantins	49
Figura 23 - Publicado na página online do Corpus de Libras	50
Figura 24 - Corpus da Libras	50
Figura 25 - Exibição de imagens em vídeo da entrevista	52
Figura 26 - Imagem do Elan	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana (<i>American Sign Language</i>)
AUSLAN	Língua de Sinais Australiana (<i>Australian Sign Language</i>)
ELAN	<i>Eudico Linguistic Annotator</i>
ISL	Língua de Sinais Israelita
LF	Língua Falada
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LO	Língua Oral
LS	Língua de Sinais
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UOC	Unidades Oracionais Complexas
UP	Unidade Prosódia

NOTA

A presente dissertação de mestrado consiste em uma pesquisa descritiva sobre orações complexas na Libras, a partir da análise de um vídeo de uma das sinalizantes do *Corpus* da Libras. A investigação foi conduzida por mim, um pesquisador surdo, e, consequentemente, de minha experiência como pessoa surda. Nesta pesquisa, contei com a assistência de um tradutor e revisor para garantir clareza no texto em português. O tradutor visualiza a sinalização em Libras e a traduz integralmente para o português, tornando meu texto acessível para quem não sabe língua de sinais. Por exemplo, ao refletir sobre questões, expresso-me primeiramente em Libras e o tradutor, por sua vez, realiza a tradução do que estou expressando. Todo esse processo de imaginação, pensamentos e reflexões é realizado em minha primeira língua, a língua brasileira de sinais.

Esta dissertação apresenta uma discussão inicial sobre as orações adjetivas explicativas na Libras e seus tipos de manifestação. Mais do que os resultados de um estudo apresentado em forma de texto, trata-se de uma investigação sobre a Libras, minha língua primária para expressão, que contou com a colaboração de um profissional para a conversão das reflexões para o português escrito. Essa atuação foi crucial para construção de um texto claro e preciso, contribuindo para a expansão do conhecimento científico e acadêmico, especialmente em áreas como a linguística de línguas de sinais. Esse contexto de atuação (tradução e revisão textual) é oportuno e deve ser institucionalizado para uma atuação segura de pesquisadores surdos, em um contexto em que a língua oral escrita ainda é o principal meio de registro, circulação e divulgação de conhecimento científico.

A pesquisa foi protagonizada por mim, pesquisador surdo, e minhas reflexões aconteceram em língua de sinais. O tradutor transmitiu essas informações em português escrito. Essa colaboração foi crucial para o registro dos resultados da pesquisa.

A comunidade surda, incluindo os surdos inseridos no contexto acadêmico, contribui para a realização de pesquisas em diversas áreas. A presença do tradutor e intérprete é fundamental para que o conhecimento produzido pelos surdos se torne disponível aos não sinalizantes.

Os pesquisadores surdos possuem uma perspectiva única (embora plural) sobre o fazer científico, a partir da diferença surda. As reflexões e pesquisas sobre a linguística da Libras avançam no Brasil. Nesse sentido, é essencial garantir espaços para o protagonismo de surdos e respeitar as diferentes identidades e culturas dos surdos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES NAS LÍNGUAS NATURAIS	18
2.1	Estrutura da oração simples	18
2.1.1	Noção de predicado e argumento em uma perspectiva Funcionalista	20
2.1.2	Aspecto prosódico em línguas de sinais	23
2.2	Estrutura da oração complexa	27
2.2.1	Parataxe	28
2.2.1.1	<i>Conjuntiva (Aditiva)</i>	28
2.2.1.2	<i>Adversativa</i>	29
2.2.1.3	<i>Disjuntiva (Alternativa)</i>	30
2.2.2	Hipotaxe	32
2.2.2.1	<i>Orações adverbiais</i>	33
2.2.2.2	<i>Orações adjetivas explicativas</i>	36
2.2.3	Subordinação (encaixamento)	38
2.2.3.1	<i>Substantiva (Subjetiva e Objetiva)</i>	38
2.2.3.2	<i>Adjetiva Restritiva (relativa)</i>	40
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	42
3.1	Constituição do Corpus da Libras de Palmas-TO	42
3.1.1	Produção dos dados	48
3.1.2	Armazenamento dos dados	49
3.1.3	Seleção dos sujeitos da pesquisa	51
3.2	Tratamento e análise dos dados	53
3.3	Trilhas para identificação de Unidades Oracionais Complexas	55
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
4.1	Estratégia: quebra no padrão prosódico	57

4.2	Estratégia: pausa distintiva	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo descritivo sobre a articulação de orações na Libras. As línguas naturais apresentam estratégias para articular orações, formando unidades complexas, que, em uma perspectiva funcionalista, podem ser articuladas a nível de parataxe, hipotaxe e encaixamento.

De acordo com Neves (2001), nas línguas naturais, tem-se constatado que a articulação a nível de parataxe compreende uma relação entre orações que possuem igual estatuto. Não há relação de dependência entre elas, embora construam uma unidade sintática complexa. As relações articuladas a nível de parataxe podem ser conjuntivas (aditivas), adversativas ou disjuntivas (alternativas). As orações articuladas a nível de hipotaxe envolvem uma oração principal e outra que faz parte da organização discursiva do falante, mas não funciona como argumento da oração primária. Essa dependência relativa pode abranger tanto as orações adverbiais quanto as adjetivas explicativas. No encaixamento (ou subordinação), a oração dependente faz parte da estrutura argumental da oração principal e pode se manifestar como orações adjetivas restritivas, ou ainda, orações substantivas.

Esta pesquisa envolve uma descrição inicial de orações articuladas a nível de hipotaxe, mais especificamente, a hipotaxe do tipo adjetiva explicativa. Novamente, na hipotaxe, as orações dependentes funcionam como satélites da oração principal, sem fazerem parte da estrutura argumental, que podem ser adverbiais ou adjetivas explicativas. As orações adverbiais dizem respeito às orações temporais, causais, comparativas, finais ou de finalidade e condicionais, dentre outras. No caso das adjetivas explicativas, a oração dependente funciona como uma paráfrase, por representarem um esforço de informação e exemplificação (Cavalcante; Rodrigues; Coan, 2014). As adjetivas explicativas funcionam como adendo. Nessas estruturas, observa-se uma aposição com estrutura (verbo, argumento, adjunto) que suplementa a proposição da oração principal. Uma articulação importante para o discurso e o contexto.

Em relação à articulação de orações na Libras, os estudos linguísticos descritivos neste campo ainda são poucos. Esta pesquisa busca suprir essa lacuna ao descrever como as orações adjetivas explicativas se manifestam na Libras. Embora seja um estudo incipiente, pesquisas realizadas neste campo podem contribuir de modo significativo para o entendimento de formas e funcionamento da Libras e de outras línguas de sinais.

O objetivo geral da pesquisa é descrever como acontece a articulação de orações na Libras a nível de hipotaxe, mais especificamente, as orações adjetivas explicativas. Os

objetivos específicos são descrever as estratégias de articulação das orações adjetivas explicativas na Libras e identificar padrões manuais e não manuais de manifestação presentes nesse tipo de oração complexa. Nesse sentido, as seguintes perguntas nortearam a pesquisa:

1. Como as orações adjetivas explicativas são articuladas na Libras?
2. Que marcas manuais e não manuais caracterizam um padrão morfossintático das orações adjetivas explicativas na Libras?

Partimos da hipótese de que a articulação de orações na Libras a nível de hipotaxe do tipo adjetiva explicativa envolve uma quebra no padrão prosódico, a partir de uma mudança na expressão facial e/ou corporal, e uma pausa distintiva, enquanto estratégia articulatória (Carneiro *et al.*, 2023; Rocha *et al.*, 2023).

Este estudo parte de uma perspectiva funcionalista da linguagem e, por isso, o nosso *corpus* de análise envolve dados da língua em uso. Nesta pesquisa, analisamos o vídeo de entrevista de uma participante do Corpus da Libras da região de Palmas – TO. Os dados que compõem este acervo foram coletados, gravados e transcritos seguindo o protocolo de trabalho do Inventário Nacional da Libras (Quadros, 2017). Analisamos um vídeo em específico, também através do software *Eudico Linguistic Annotator* (ELAN), com base nas discussões do grupo de pesquisa interinstitucional sobre Unidades Oracionais Complexas, que envolve pesquisadores da Universidade Federal do Tocantins (UFT), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e da Universidade Federal do Ceará (UFC).

O Brasil vivencia conquistas importantes na legislação nacional, que prevê a obrigatoriedade da oferta de uma educação bilíngue de surdos em Libras como primeira língua e em português escrito como segunda língua. Neste contexto, os surdos precisam estar inseridos em um currículo bilíngue, em que há o componente de Libras como primeira língua. Dentre os conteúdos previstos, a disciplina de Libras precisa envolver estudos linguísticos, dentre eles, descrição e análise da Libras a nível sintático.

Eu sou Bruno Silva Pedra da Rocha, surdo, e comecei a estudar no Curso de Letras-Libras na UFAL, em 2017. Neste mesmo ano, o professor Dr. Jair Barbosa da Silva assumiu a coordenação de um projeto de pesquisa vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Neste projeto, arquivos de filmagem contendo diálogos/discursos em Libras têm gerado o Corpus da Libras da região de Maceió na UFAL,

segundo os mesmos modelos utilizados pelo Inventário Nacional da Libras, na UFSC, que é pioneira e referência nesta área.

Atuei por dois anos e meio como pesquisador voluntário no referido projeto de pesquisa. A partir da compreensão de como se dá o processo de registro de um *corpus*, pude adquirir experiência na coleta de dados juntamente com pesquisadores mais experientes e pessoas surdas especializadas no uso dessa metodologia. A partir daí, tenho seguido o caminho de tornar-me pesquisador.

Ingressei no curso de mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da UFT em 2022, sendo, aluno bolsista na linha de pesquisa Língua Brasileira de Sinais, que está inserida na área de concentração Estudos Linguísticos. Eu tenho trabalhado com coleta e transcrição de dados e análises linguísticas envolvendo o Corpus de Libras da região de Palmas. O Professor Dr. Carlos Roberto Ludwig é o responsável pela coordenação do Corpus de Libras nesta instituição.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o fenômeno da predicação e os princípios de constituição das orações simples e das orações complexas nas línguas naturais. No segundo capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa em relação à coleta, análise e discussão dos dados, e categorização dos resultados. No terceiro capítulo, apresentamos a análise e discussão dos resultados em relação às orações adjetivas explicativas na Libras.

2 ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES NAS LÍNGUAS NATURAIS

2.1 Estrutura da oração simples

De acordo com Neves (2006; 2021), a linguagem desempenha um papel central na vida humana, permeando nossas atividades, mediando nossas interações e servindo como meio de expressão do pensamento. Nesse sentido, as línguas têm uma função primordial nas sociedades humanas: permitir uma eficiente comunicação de ideias e de sentimentos entre os seres humanos, o que impacta tanto o uso corrente das línguas quanto o modo como elas se desenvolvem historicamente.

A língua é dinâmica e se revela na interação, ou seja, no uso. É heterogênea e está sujeita a fatores sociais, contextuais e cognitivos, além de fatores internos ao sistema. Mais ainda, a língua é viva, ativa, e está em constante mudança, mas que não muda aleatoriamente. É um caos organizado e pode ser estudado. Ainda segundo a autora, há o fundo da língua, aquilo que dá sustentação, e há os fenômenos mais periféricos. O uso é aparentemente caótico, mas há regras de funcionamento. Os sistemas combinam a estabilidade e o caos.

A gramática está suscetível às pressões do uso, porque a língua desempenha funções que são externas ao sistema e essas funções contribuem para moldar a organização interna do sistema linguístico. Sendo assim, processos e produtos convivem nas línguas naturais (visão pancrônica).

De acordo com Neves (2006), o funcionalismo é uma área de estudo da linguagem humana a partir de uma perspectiva sociointeracionista da linguagem. Nessa perspectiva, ressalta-se a função que a forma linguística desempenha na interação comunicativa. Trata-se de ma teoria da organização grammatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social, cujo interesse é a “verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do como como os usuários da língua interagem linguisticamente, com eficiência” (Neves, 2021, p. 16).

Ainda segundo Neves (2021), há um sistema de regras que governam a constituição das expressões linguísticas, mas também um sistema de regras que, no uso, governam os padrões de interação verbal. Os fenômenos da linguagem são perceptíveis na interação formal/informal, fala (sinais)/escrita, gêneros do discurso, enfim, a língua revela a sua estrutura e a funcionalidade dos seus elementos. No estudo da língua, observa-se que há padrões que se repetem. Isso significa que a língua é construída de padrões conceituais que se materializam na língua. Há padrões cognitivamente internalizados e que se replicam no uso da

língua. A língua abriga em si estruturas razoavelmente cristalizadas, perfeitamente passíveis de descrição.

Sendo assim, o texto é a unidade básica de sentido. Em uma perspectiva funcionalista, a descrição trabalha com dados de fala/sinais ou escrita, retirados de contextos reais de comunicação. O estudo da gramática deve integrar o estudo da forma, do significado e do uso, de tal modo que os traços linguísticos formais, os semânticos e pragmáticos sejam abrigados numa perspectiva teórica mais geral, com inter-relacionamento entre análise dos dados e a formação da teoria (Neves, 2021).

Um texto é constituído por unidades de ideias, unidades informativas e unidades discursivas. Se as demandas sociais mudam, a língua muda. Ela é funcional, porque não separa o sistema linguístico e suas peças, das funções que têm de preencher, e é dinâmica porque reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem. As estruturas são flexíveis e permeáveis às pressões do uso, combinando-se estabilidade dos padrões morfossintáticos cristalizados com as estruturas emergentes. Por fim, na conversação, na interação, o falante/sinalizante ativa, reativa e desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas, gramaticais, no momento da criação de seus enunciados, constituindo as expressões que pretende externalizar (Neves, 2006; 2021; Castilho, 2014).

Pesquisas descritivas sobre a Libras, especialmente no que diz respeito aos seus aspectos estruturais em uma perspectiva funcionalista, são importantes para a comunidade surda. Isso deve-se ao fato de que, até os anos 1960, as línguas de sinais ainda eram vistas como mímica ou gestos.

Em seus cinquenta anos de trabalho de descrição das mais variadas línguas de sinais, a linguística especializada na investigação dessas línguas tem enfrentado o desafio de convencer a comunidade acadêmica de que as línguas de sinais são línguas naturais. Para fazer isso, tem sido necessário mostrar que as línguas sinalizadas compartilham com as línguas orais as características que lhes são consideradas definidoras (McCarey; Viotti, 2011, p. 289).

As pesquisas sobre sintaxe, prosódia e formas de articulação de orações têm um papel fundamental na compreensão do funcionamento das línguas de sinais, em particular, e da linguagem humana, em geral, contribuindo para a implantação de políticas linguísticas.

A análise da estrutura da oração simples é fundamental para compreendermos os mecanismos de organização sintática em uma língua de sinais. Nesse contexto, transitar sobre os elementos constituintes da oração e suas relações proporciona *insights* valiosos sobre a gramática da língua em questão. Estudar a estrutura da oração simples permite-nos

compreender como os diferentes elementos, como sujeito, verbo, objeto e adjuntos se combinam para formar unidades de significado dentro de uma unidade oracional.

2.1.1 Noção de predicado e argumento em uma perspectiva funcionalista

De acordo com Casseb-Galvão (2023), a língua é um multissistema que se articula a partir de elementos de diferentes naturezas, e que representa linguisticamente os eventos que acontecem no mundo. Assim, na interação verbal, os níveis sintático, semântico e pragmático trabalham entre si para representar eventos e produzir enunciados gramatical e discursivamente eficientes. Apesar disso, a linguística os estuda separadamente para ter uma melhor compreensão da organização das línguas.

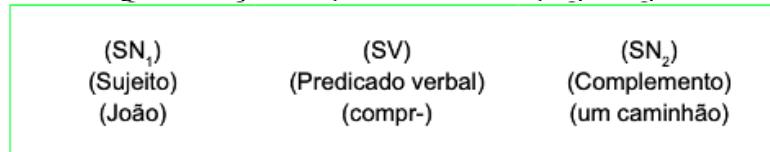
O nível sintático é responsável pela organização dos processos, entidades e relações que formarão a base estrutural da organização textual. A unidade sintática básica é a oração e as relações oracionais e interacionais vão formatar o texto, a unidade comunicativa básica. A organização sintática ajuda a sistematizar o grande repertório de ideias, informações lexicais, gramaticais e discursivas que formam a competência comunicativa e que está armazenado na mente humana. Essa competência é adquirida ao longo da vida a partir de experiências sociais diversas (Casseb-Galvão, 2023). Nas palavras da autora,

[o]s falantes têm mentalmente internalizados os padrões sintáticos disponíveis para essa língua, mas sua manifestação no uso efetivo é pragmaticamente dependente, depende de fatores contextuais, e de como concebem e representam experiências no mundo (da organização semântica) (Casseb-Galvão, 2023, p. 26).

A oração é construída em torno de um elemento predicativo e tem sido tomada como a unidade básica de organização da descrição sintática. Os constituintes oracionais estabelecem relações hierárquicas entre si e se organizam em torno de um núcleo (Casseb-Galvão; 2023; Cunha; Souza, 2007).

Sendo assim, de acordo com Casseb-Galvão (2023), a oração também deve ser vista em estratos, em camadas, pois não é uma representação linear e seus constituintes cumprem diversos propósitos na organização da interação. Além disso, “as unidades da língua nem sempre são fáceis de definir” (p. 28). A oração simples descreve eventos simples e se organiza a partir de um único elemento verbal. Para a autora, a representação sintática da oração prototípica é a seguinte:

Figura 1 - Representação sintática da oração prototípica



Fonte: Casseb-Galvão (2023, p. 30).

A oração simples representada na Figura 1 representa um estado de coisas que é organizada a partir do predicado verbal *comprar* que, por sua vez, vai selecionar os argumentos *João* e *um caminhão*. A definição prototípica de evento envolve as características de agentividade, com a ação de um agente visível, volitivo e controlador; afetação, em que há um paciente visível, não volitivo e não atuante; e um índice de mudança, caracterizado pela visibilidade dos conceitos anteriores ao longo do tempo. Na oração *João compra um caminhão*, o sintagma *João* é o agente do evento, que também cumpre a função de sujeito da oração. O sintagma *um caminhão* é o paciente do evento, que cumpre a função de objeto. Ainda de acordo com Casseb-Galvão (2023),

a oração é concebida como organização semântica, como a representação de estados de coisas, é a codificação dos eventos do mundo. Isso implica dizer que ela é o vetor para a construção de significados e, também, que se constrói como um reflexo dos eventos que representa. Logo, a oração descreve os eventos em si (representados pelos verbos), as entidades neles envolvidas (sujeito e complemento) e as informações adicionais à cena enunciativa (adjuntos). (Casseb-Galvão, 2023, p. 37).

Ainda de acordo com Casseb-Galvão (2023), os estados de coisas podem ser representados linguisticamente de diferentes pontos de vista, de diferentes perspectivas (de quem fala, de quem é afetado pela ação descrita etc.), depende do que se quer comunicar. A transitividade é o sistema que está na base do cumprimento dessa função. Ela é ancorada na valência, que se relaciona ao número de entidades solicitadas pelo verbo, mas é a transitividade, de natureza pragmática, que está na base da representação.

A transitividade denota as entidades envolvidas em um estado de coisas e envolve graus de transferência de uma ação, atividade ou realização efetivada no mundo. A transitividade decorre de uma diversidade de motivações semânticas, pragmáticas, cognitivas e sociais, relacionadas com os variados contextos de uso da língua. Por isso, a transitividade é da oração (cláusula) e não do verbo, uma vez que ela envolve a descrição de um evento e a seleção, discriminação contextual das entidades dos participantes nele envolvidos (Casseb-Galvão, 2023).

Ainda segundo a autora, a organização sintática básica se instaura a partir de elementos principais e secundários. Os elementos fundamentais são o predicado e os argumentos. Os elementos secundários são os circunstanciais e/ou adjuntos. Sendo assim,

[a] estrutura sintática se organiza em torno de um predicador/ predicado, que dá unidade estrutural à frase, cuja função é prototípica exercida pelo *verbo*. O predicador abre casas para serem preenchidas e seleciona elementos para com ele formarem a oração. Esses elementos são chamados *argumentos* e eles apresentam determinadas características formais e semânticas a depender do estado de coisas (evento) que se quer representar. Diz-se, portanto, que um predicador seleciona seus argumentos a partir de regras e sob hierarquia, e juntos formam a estrutura argumental. Os adjuntos e/ou circunstanciais não fazem parte da representação do estado de coisas, mas auxiliam na sua contextualização (Casseb-Galvão, 2023, p. 46).

Retomando a Figura 1 (página 21), vemos que “a estrutura argumental prototípica se organiza a partir de um Sintagma verbal (SV), que, no nível semântico, constitui o predicado, e por dois Sintagmas Nominais (SN), que ele seleciona, os argumentos” (Casseb-Galvão, 2023, p. 46).

De acordo com El Khouri *et al.* (2023), identificar as relações que são estabelecidas nas orações nas línguas de sinais não é tarefa fácil, pois perpassa pela identificação de nomes e verbos e, consequentemente, pela delimitação da estrutura oracional. Para a identificação de orações simples e complexas, os autores consideraram alguns princípios de análise.

Para os autores, o delineamento de classes gramaticais de um sistema linguístico deve considerar critérios morfológicos, sintáticos e semânticos, pois a distinção baseada em apenas um desses fenômenos geralmente é insuficiente para tal empreitada. O critério semântico abarca os outros mencionados, já que o fenômeno linguístico se baseia na significação. Especificamente sobre as línguas de sinais, os sinais das classes abertas podem funcionar como predicados. Nesse sentido, a disposição do corpo do sinalizante pode indicar noções de agentividade, afetação, e o estado do participante. Importante ressaltar que verbos podem denotar estados e ações. Sendo assim, nas análises, os sinais que expressam a ideia de estado, como em BONITO (ser/ estar bonito), também foram entendidos como verbos e considerados na análise.

Na próxima seção, apresentamos algumas considerações sobre a modalidade gestual-visual das línguas de sinais, em relação aos articuladores manuais, não-manaus e seus aspectos prosódicos.

2.1.2 Aspecto prosódico em línguas de sinais

A Libras, assim como outras línguas de sinais, insere-se na modalidade gestual-visual. As investigações acerca das línguas de sinais são relativamente recentes quando comparadas aos estudos sobre as línguas orais. Foi apenas no século XX que as línguas de sinais passaram a ser analisadas de maneira sistemática pela linguística, consolidando-se, assim, como objeto legítimo de estudo científico.

Conforme apontam Leite e Quadros (2014, p. 15-16), desde o estudo pioneiro de Stokoe até os dias atuais, o campo de pesquisa das línguas de sinais tem experimentado um crescimento considerável. Essas investigações têm desempenhado um papel fundamental no progresso da ciência linguística, com contribuições relevantes em duas vertentes principais: por um lado, demonstram que as características essenciais das línguas naturais estão igualmente presentes nas línguas de sinais, as quais têm sido analisadas sob diversos níveis de investigação, como fonético e prosódico, fonológico, morfológico e lexical, sintático, semântico e pragmático; por outro lado, evidenciam as semelhanças e distinções na forma como as línguas de sinais e as línguas orais se estruturam nesses diferentes níveis analíticos, enriquecendo, assim, o entendimento teórico da linguística e aprimorando suas aplicações no contexto social, especialmente no que diz respeito às interações dentro da comunidade surda.

Uma língua de sinais deve ser compreendida como um sistema complexo que envolve a participação de elementos manuais e não manuais, o que permite a plena expressão de significados e a articulação de estruturas gramaticais complexas. Os recursos não manuais desempenham um papel crucial na construção do significado e na expressão de aspectos gramaticais, como a modulação de tempo, aspecto, intensidade, a diferenciação de tipos de sentenças afirmativas e interrogativas, bem como a delimitação de sentenças.

Nas línguas orais, embora a voz seja predominante, é igualmente relevante o uso de gestos e da modulação vocal, os quais variam conforme as intenções comunicativas do interlocutor.

Assim, é possível estabelecer um paralelo entre as línguas orais e as línguas de sinais, ainda que estas pertençam a modalidades distintas, uma vez que ambas compartilham semelhanças em determinados aspectos prosódicos. Entre esses aspectos, destacam-se a expressão facial durante a fala, a linguagem corporal e os gestos, os quais, sob uma perspectiva qualitativa, revelam a importância desses elementos no sistema linguístico.

Nesse contexto, parece haver um consenso entre os estudiosos quanto ao papel do gesto na comunicação humana, observando-se que, dependendo da língua utilizada — seja ela

oral ou sinalizada —, a distinção entre o que é estritamente lexical e o que é gestual pode ser mais ou menos pronunciada. Em particular, nas línguas de sinais, essa distinção tende a se dissolver em uma coexistência de funções gramaticais que envolvem o uso da gestualidade. Quadros (2011, p. 22) “as expressões faciais também fazem parte da comunicação humana. Através delas, podemos revelar emoções, sentimentos, intenções para nosso interlocutor. Elas são utilizadas em todas as línguas. No caso das línguas gestuais, as expressões faciais desempenham um papel fundamental e devem ser estudadas detalhadamente”.

Estabelecer essa distinção é crucial para evitar equívocos em uma análise linguística, embora, em alguns casos, uma expressão possa exercer simultaneamente uma função gramatical e uma função prosódica. De acordo com Valsechi (2015) afirma que

Os componentes da estrutura de som (língua falada) e da estrutura de gestos (língua sinalizada), não incluem a prosódia, e sim, indicam as unidades linguísticas. O papel da prosódia na produção de cada palavra (falada ou sinalizada) é diferenciado, pois há, por exemplo, uma variação na prosódia da língua falada que inclui entonação, ritmo, tempo e stress. Já nas línguas de sinais, a estrutura prosódica é expressa por mudanças de posição dos olhos, por movimentos da cabeça, bochechas infladas, entre outros comportamentos físicos (Valsechi, 2015, p. 29).

Assim, esses componentes contribuem de maneira significativa para a construção da sinalização e da comunicação visual. Portanto, o ato de sinalizar envolve camadas complexas tanto de elementos prosódicos quanto sintáticos e morfológicos.

Nesse contexto, gestos e sinais, assim como expressões prosódicas, atuam de forma integrada durante o processo de sinalização. Embora seja relevante manter essa distinção, há autores que consideram o gesto como a base fundamental das línguas de sinais. Dessa forma, mesmo os sinais que compõem o léxico de uma língua de sinais têm suas origens nos gestos, os quais, ao longo do tempo e em diferentes níveis, podem perder sua motivação inicial. Leite (2008) sustenta que:

a)A gestualidade é parte integrante do uso vivo da língua e revela-se intimamente relacionada aos aspectos prosódicos e semânticos da fala; b) A arbitrariedade do signo não implica uma ausência de motivação, mas sim o papel da convenção sempre seletiva que cada comunidade linguística faz de sua experiência; c) Todo o nosso conhecimento abstrato (incluindo o gramatical) é construído sobre um conhecimento mais primitivo e concreto que, por sua vez, é construído a partir de nossa interação corporal e social com o mundo (Leite, 2008, p. 34).

Enquanto nas línguas orais os efeitos prosódicos são alcançados por meio da variação do tom de voz (*pitch*), volume e pausas, nas línguas de sinais esses efeitos são produzidos por

meio de expressões faciais, posturas corporais e ritmos, que desempenham funções e assumem formas análogas às das variações prosódicas encontradas nas línguas orais.

De acordo com Barbosa (2019), a prosódia tem o seu objeto de análise, mais ou menos, o que entendemos de *modo de falar* das pessoas, seja ele intencional ou não. O estudo da prosódia não considera diretamente o conteúdo segmental, ou *o que se diz*, e sim a forma sonora e a sua ligação ao *como se diz*, embora a análise prosódica se aconteça nos eixos sintagmáticos e paradigmáticos

Ainda segundo o autor, os correlatos físicos da prosódia envolvem frequência fundamental (frequência de vibração das pregas vocais), duração (unidades linguísticas que estruturam a informação prosódica dos enunciados, como a duração de unidades silábicas) e intensidade (quão forte é o som). Os correlatos perceptivos da prosódia são o *pitch* (percepção do som como grave e agudo), a duração percebida (percepção se uma unidade é longa ou curta) e o volume (sensação de forte ou fraco).

Não há uma, necessariamente, coincidência entre fronteira sintática e fronteira prosódica. Há, na verdade, uma não coincidência das fronteiras principais entre os constituintes prosódicos e sintáticos, cunhada na literatura pela expressão “não congruência”.

Em algumas situações, a prosódia pode guiar a interpretação sintática de uma sentença. Nestes casos, os constituintes prosódicos permitem a enumeração adequada da estrutura sintática de cada sentença. Pela função de segmentação, a prosódia permite marcar outros elementos constituintes sintáticos, por exemplo, fornecer uma explicação secundária à informação principal. Em *[Foi Gustavo, engenheiro famoso]* o termo da oração após a vírgula, é considerado adendo ao termo inicial e é segmentado por um padrão prosódico distinto. “Nesse caso, a prosódia guia a interpretação sintática, e os constituintes sintáticos e prosódicos são consequentemente congruentes” (Barbosa, 2019, p. 83).

Leite (2008), procurou observar padrões recorrentes na sinalização que pudessem desponhar como possíveis delimitadores de unidades entoacionais na análise de turnos simples na libras, isto é, possivelmente formados por uma única unidade. Nessa análise, o autor identificou algumas estratégias de delimitação da sentença.

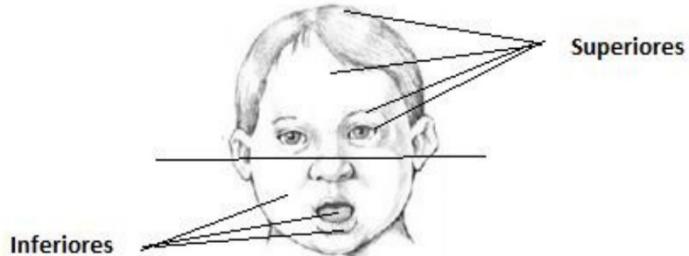
Dentre as estratégias de sentenças na libras, o autor sugere o (1) alongamento final, que consiste de manutenção da suspenção, reiteração de movimentos repetitivos internos e sinal expresso em uma forma alternativa; (2) aceleração inicial (frase inicial), que consiste na sobreposição das fases do gesto (a mão inicia a preparação de um novo sinal enquanto a outra ainda realiza a fase expressiva de um sinal anterior; redução do número de repetições em golpes formados por movimentos repetitivos, retenção bastante breve da suspensão,

praticamente reduzindo o sinal à realização plena de sua fase de preparação, assimilação da configuração de mão do sinal subsequente pelo sinal inicial; (3) gestos atencionais coesos, que consiste de expressões faciais que realizam os dois tipos básicos de interrogativas na Libras (que sim/não); (4) piscada de olhos, em que um sinal não-manual que está claramente correlacionado às fronteiras de Unidades Entoacionais é a piscadela dos olhos, e (5) acento enfático, que consiste em sobrancelhas erguidas e a forte projeção da cabeça para frente e para trás, e sinal manual: longa preparação.

Sobre a piscada de olhos, Leite (2008) considera que assim como se dá com as inspirações de ar nas línguas orais, as piscadas nas línguas de sinais devem ser produto de uma necessidade fisiológica humana e que, ao coocorrerem com a fala, tendem a se submeter à sua organização gramatical, incrementando a própria estrutura da língua.

Em relação às expressões não manuais faciais, Araújo (2013) afirma que elas podem ser classificadas em superiores e inferiores. A Figura 2, a seguir, ilustra essa proposta.

Figura 2 - Expressões faciais superiores e inferiores



Forte: Araújo (2013, p. 61).

Conforme ilustrado na Figura acima, as expressões faciais superiores são produzidas por meio dos olhos, sobrancelhas e testa. Por outro lado, as expressões faciais inferiores envolvem os movimentos das bochechas, boca e língua.

Nas línguas de sinais, o movimento do tronco, ombros, tórax e cabeça também desempenha um papel relevante na expressão prosódica nas línguas de sinais. De acordo com Goes (2019), marcadores não manuais como tronco, cabeça, expressões faciais superiores (testa, sobrancelha e olhos) e expressões faciais inferiores (boca, bochecha e lábios), são bastante produtivos na marcação prosódica da libras, desempenhando funções sintáticas e morfológicas, mas também expressando emoções, intenções de fala e julgamento sobre as proposições.

2.2 Estrutura da oração complexa

Uma oração complexa é constituída por uma oração principal e uma ou mais orações dependentes, que fornecem informações complementares sobre a oração principal. A estrutura das orações complexas pode ser construída por meio de diferentes marcadores, que indicam a relação entre as orações.

Em uma perspectiva funcionalista, é importante ressaltar que os diferentes tipos de articulação entre orações apresentam um contínuo, que pode acontecer entre um núcleo e um ou mais núcleos adicionais, e entre um núcleo e um ou mais margens. Nesse contínuo de articulação entre orações, Hopper e Traugott (1993 *apud* Neves, 2001) consideram os parâmetros dependência (independência/ interdependência ou dependência relativa/ dependência) e integração (coordenação/ co-subordinação/ subordinação). Isso remete a uma gradiente entre as relações de parataxe, hipotaxe e subordinação (encaixamento). A seguir, conforme ilustrado na Figura 3, temos o esquema que apresenta esse contínuo de dependência e integração entre orações.

Figura 3 - Contínuo de dependência e integração entre orações



Fonte: Carneiro *et al.*, (2020, p. 155), a partir de Neves (2021).

A partir de um contínuo gradiente, as possibilidades variam de forma tênué, indo de uma combinação mais sutil para uma combinação mais coesa. As orações no nível de parataxe envolvem orações articuladas de igual estatuto. As orações articuladas no nível da hipotaxe podem abranger tanto as orações adverbiais quanto as adjetivas explicativas, ou seja, aquelas que fazem parte da organização discursiva do falante (informação à parte), mas não funcionam como argumento da oração primária (nuclear). As orações subordinadas (ou encaixadas) funcionam como complemento de um sintagma (substantivas) ou modificam um nome (adjetivas restritivas), e cumprem um papel de argumento em relação à oração matriz (Carvalho, 2004; Carneiro *et al.*, 2020; Neves, 2001).

A análise da articulação de orações não deve se concentrar nas conjunções, mas nas proposições que emergem a partir dessa articulação. Quando as orações são articuladas, elas formam uma unidade semântica, na qual, inevitavelmente, ocorre o compartilhamento de

elementos sintáticos, levando ao apagamento de termos. Nesse processo, as orações podem perder certos elementos, adquirir propriedades prosódicas específicas, assumir características nominais como uma totalidade ou, ainda, desempenhar a função de adjunto em uma oração matriz (Neves, 2021).

2.2.1 Parataxe

A parataxe envolve combinar orações de forma mais autônoma e independente. Nesse processo, há a formação de uma unidade semântica na combinação de orações que possuem relativa independência. O sinal de parataxe está ilustrado na Figura 4, a seguir.

Figura 4 - Sinal de Parataxe



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A parataxe forma uma estrutura oracional complexa que possibilita a combinação de orações de maneira mais independente, formando uma unidade semântica. Essa habilidade de combinar orações de forma mais autônoma é essencial para expressar diversas relações entre ideias, como adição, oposição e alternância. Essa articulação abrange noções conjuntivas (aditivas), adversativas e disjuntivas (alternativas).

A seguir, apresentamos dados a partir de Carneiro *et al.* (2020; 2024) que ilustram construções oracionais articuladas em nível de parataxe, expressando relações de adição (aditiva), oposição (adversativa) e alternância (alternativa).

2.2.1.1 Aditiva

A Figura 5, a seguir, ilustra uma oração paratática do tipo aditiva. A estrutura mencionada é composta por duas proposições, derivadas dos predicados PERCEBER e

APRENDER, articuladas por uma relação aditiva estabelecida por justaposição. Nesse exemplo, não se observa o uso de conectores nem de marcações não manuais específicas.

Figura 5 - Exemplo de oração parataxe conjuntiva (aditiva)



Tradução em português: Vocês vão perceber e aprender.

Fonte: Carneiro *et al.* (2020, p. 156).

A seguir, apresentamos exemplos da articulação paratática do tipo adversativa na Libras.

2.2.1.2 Adversativa

Uma relação estabelecida a nível de parataxe, como uma estratégia para a articulação de orações, envolve orações do tipo adversativas, que expressam oposição e contraste em relação à oração anterior. A Figura 6, a seguir, ilustra orações articuladas a nível de parataxe do tipo adversativa.

Figura 6 - Exemplo de oração parataxe adversativa



Tradução em português: Eu estudei tudo. (Mas) falta um, este (tema).

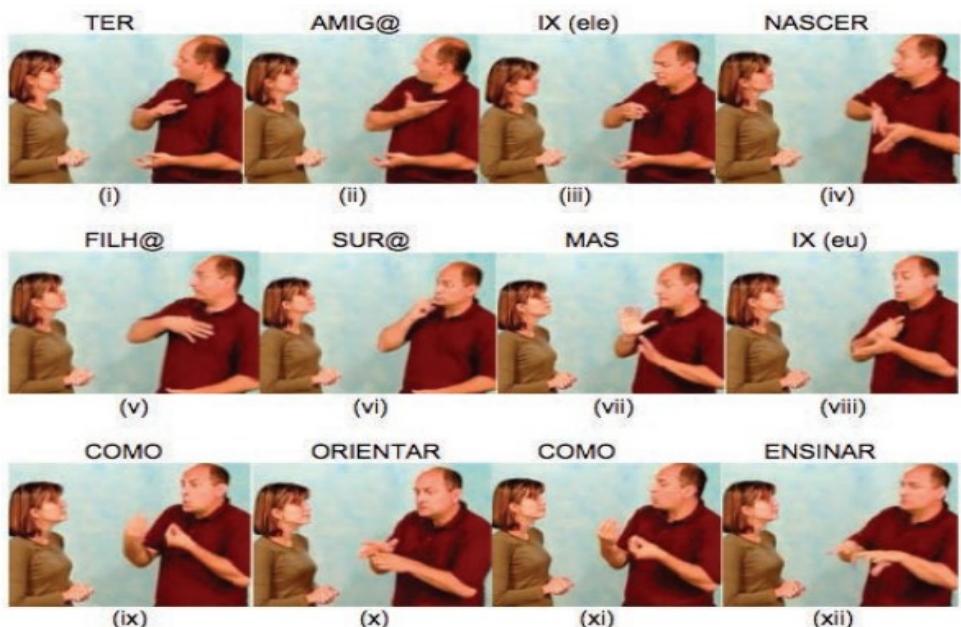
Fonte: Carneiro *et al.* (2020, p. 157).

No exemplo, identificam-se duas orações justapostas que estabelecem uma relação de oposição, cujo sentido é determinado pela proposição do discurso. A primeira oração

compreende o intervalo de (i) a (iii), seguida por uma segunda oração em configuração paratática, de (iv) a (vi). Não há emprego de conectivo.

O dado (Figura 7), ilustra a articulação de orações a nível de parataxe com o uso de conectivo. O sinal, MAS pode ser considerado uma conjunção manual que introduz uma oração adversativa. Essa conjunção também está associada às noções de contra expectativa, reificação (correção) e negação (Rodrigues, 2019).

Figura 7 - Exemplo de oração parataxe (adversativa)



Tradução em português: Um amigo tem um filho surdo, mas como orientá-lo, ensiná-lo?

Fonte: Carneiro *et al.* (2020, p. 157).

O conectivo “MAS”, conforme exemplificado no trecho (vii), estabelece a conexão entre duas estruturas em parataxe, marcando uma relação adversativa. A identificação deste sinal como um elemento que introduz orações adversativas, bem como suas variações lexicais, representa um avanço significativo na compreensão das relações sintáticas em Libras, especialmente no que diz respeito à expressão de contrastes e oposição. A seguir, apresentamos um exemplo sobre a disjuntiva (alternativa).

2.2.1.3 Disjuntiva (alternativa)

As orações paratáticas do tipo disjuntiva (alternativa) expressam uma ideia de alternância e/ou escolha. Na Libras, a disjunção pode ser articulada por meio da utilização produtiva do espaço de sinalização. A manipulação do espaço pode representar uma estratégia

eficaz para expressar a ideia de alternância ou escolha entre diferentes opções. A variação de áreas específicas do espaço em frente ao sinalizador pode indicar as alternativas disponíveis, proporcionando uma representação visual e espacial da disjunção. A Figura 8, a seguir, evidencia esse tipo de construção.

Figura 8 - Exemplo de oração parataxe (disjuntiva/alternativa)



Tradução em português: Ou a UFT, não sei quem da UFT, pagará a comida, ou os alunos vão dividir (as despesas) e levar?

Fonte: Carneiro *et al.* (2020, p. 158).

O exemplo demonstra o uso do espaço de sinalização como estratégia para articular orações. A construção apresenta uma relação paratática, expressando um sentido de alternância. A primeira estrutura, de (i) a (viii), é realizada com o tronco do sinalizante em posição neutra, enquanto a segunda oração, de (ix) a (xiv), é produzida com o tronco deslocado posteriormente e lateralmente em relação à posição inicial. Dessa forma, cada construção aparenta ser articulada em posições distintas dentro do espaço de sinalização.

Por outro lado, além do uso produtivo do espaço de sinalização, as orações são introduzidas por um conectivo. Os trechos de (i) a (viii) correspondem à primeira parte da construção e, além de ser articulada com o tronco em uma posição neutra, é introduzida pelo sinal OU. Os trechos de (ix) a (xiii) correspondem à segunda parte da construção, em que

parte é articulada com o tronco em uma posição inclinada (especificamente entre os trechos de (x) a (xii), e também é introduzida por OU (Carneiro *et al.*, 2020).

Nas seções seguintes, expomos as orações hipotáticas, que são categorizadas em adverbiais e em adjetivas explicativas (frequentemente designadas como relativas não restritivas).

2.2.2 Hipotaxe

A estruturação das orações inicia-se a partir de um predicador, que serve como fundamento na organização do sintagma verbal, o qual, por sua vez, ativa a estrutura argumental. Entretanto, há termos que não são necessários para o predicado, mas auxiliam na construção do enunciado, atuando como satélites na cena discursiva. Uma oração completa pode funcionar como satélite de uma oração principal.

Nas orações hipotáticas, temos a oração primária considerada dominante e a oração secundária, tida como dependente. É importante ressaltar que o termo “primária” não implica em ser a mais importante, mas sim a que serve como base ou matriz, a partir da qual o restante do complexo oracional se desenvolve. Conforme Neves (2001), as orações primárias nem sempre carregam a informação mais relevante do discurso.

As orações articuladas no nível da hipotaxe podem abranger tanto as orações adverbiais quanto as adjetivas explicativas, que contribuem para a organização discursiva, mas não funcionam como argumento da oração primária. A relação mais fruxa entre as cláusulas não coordenadas leva Decat (2011) a sugerir que as adjetivas explicativas e as adverbiais são mais “desgarráveis”, devido ao seu baixo grau de integração com as orações nucleares às quais estão ligadas, segundo Cavalcante, Rodrigues e Coan (2014). A Figura a seguir, ilustra o sinal de hipotaxe.

Figura 9 - Sinal de Hipotaxe



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

É importante ressaltar que as orações hipotáticas podem abranger tanto as orações adverbiais quanto as adjetivas explicativas, contribuindo para a organização e coesão do discurso. Além disso, a ideia de que as orações primárias nem sempre carregam a informação mais importante do discurso é um ponto relevante a ser considerado na análise da estrutura e hierarquia das orações. A seguir, expomos dados acerca das orações adverbiais e das orações adjetivas explicativas.

2.2.2.1 *Orações adverbiais*

No contexto das orações hipotáticas adverbiais, verifica-se uma relação prototípica em que duas orações se articulam de modo a uma qualificar a outra, ao acrescentar dados circunstanciais, com uma função de advérbio (temporal, causal, comparativa, final, condicional, dentre outros).

Sendo assim, a hipotaxe adverbial prototípica consiste em uma oração nuclear à qual se agregam satélites com valor circunstancial que podem abranger diversos tipos, contribuindo para expressar circunstâncias e qualificações no discurso. Os dados, a seguir, ilustram exemplos de orações hipotáticas adverbiais de finalidade, de tempo e de condição.

Figura 10 - Hipotaxe adverbial de finalidade assindética



Tradução em português: Cada grupo vai trazer seu computador (para) organizar e editar a filmagem com a escrita de sinais, certo?

Fonte: Leão Carneiro *et al.* (2020, p. 159).

Na Figura 10, é possível identificar uma relação de hipotaxe adverbial de finalidade. A primeira parte da construção, representada pelos trechos (i) a (viii), configura-se como a oração principal, enquanto a segunda parte, nos trechos (ix) a (xiv), corresponde à oração dependente, a qual expressa a finalidade. Embora não haja um marcador lexical explícito que indique essa relação, a interpretação da proposição depende fundamentalmente do contexto. No entanto, há uma marcação não manual específica, que se manifesta pela elevação do queixo e pela diminuição do olhar nos trechos (ix) e (x), e que indica o início da oração hipotática de finalidade.

Sobre as construções hipotáticas adverbiais temporais, Lima (2002) estabelece que tais sentenças situam um conjunto de eventos em algum lugar na linha do tempo. Em geral, a relação temporal estabelecida entre os dois eventos pode ser expressa de duas maneiras: simultânea ou não-simultânea.

A Figura 11, a seguir, exemplifica orações articuladas no nível da hipotaxe adverbial temporal simultânea. Neste caso, os eventos na oração dependente são expressos de forma concomitante aos eventos descritos na oração principal. No exemplo, o sinalizante mantém a mão não dominante em posição suspensa (boia), estabelecendo um cenário de fundo, enquanto a mão dominante prossegue com a articulação do discurso narrativo. Dessa forma, o tempo do evento na oração principal é contextualizado em relação ao tempo do evento codificado pela mão em suspensão.

Figura 11 - Hipotaxe adverbial temporal (simultâneo)



Tradução em português: Enquanto eu empurrava a bicicleta, os homens debochavam e fiquei com medo.
Fonte: Carneiro *et al.* (2020, p. 160).

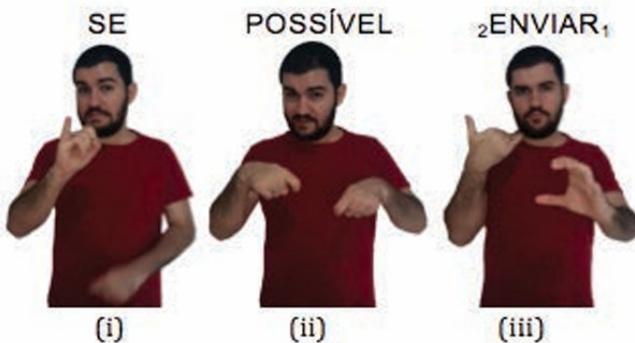
Nos trechos (iv) e (v), observa-se uma alternância nas funções atribuídas às mãos. Inicialmente, a mão esquerda é responsável por representar o discurso do narrador, mas passa a exercer a função de boia, codificando o participante que empurra a bicicleta. Em

contrapartida, a mão direita, que anteriormente atuava como bóia, assume a função de codificar o discurso do narrador. Essa alternância possibilita a articulação de orações no nível da parataxe, conforme sugerido por Tang e Lau (2012). Nos trechos (i) a (iii), a mão esquerda codifica a oração “IX (ele) HOMEM SORRIR” (os homens debochavam), enquanto, nos trechos (iv) e (v), a mão direita passa a codificar a oração “IX (eu) MEDO” (fiquei com medo). Assim, a alternância das mãos não apenas articula as orações paratáticas, mas também mantém a bóia em uma disposição alternada (oração temporal), favorecendo a coesão e a fluidez da narrativa.

Conforme Lima (2002), a condicionalidade lógica é representada por uma estrutura binária, composta pela proposição condicionante (prótase) e pela proposição condicionada (apódoze), estabelecendo a relação “se prótase, então apódoze”. A oração condicionante é entendida como condição necessária e suficiente para a proposição da oração condicionada. Em geral, há três tipos de construções hipotéticas adverbiais condicionais: factuais (ou reais), contrafactuals (ou irreais) e eventuais (ou potenciais). As construções factuais relacionam conteúdos no mundo real; nas construções contrafactuals, o conteúdo expresso pela oração condicionante (apótese) é irreal; e nas construções eventuais, o conteúdo expresso pela oração condicionada (prótase) pode acontecer ou não, dependendo de a condição ser preenchida (ou não).

O exemplo na Figura 12 caracteriza uma hipotaxe adverbial de condição, que estabelece uma relação condicional eventual, recorrendo à conjunção “SE” e à marcação não manual de elevação de sobrancelhas.

Figura 12 - Hipotaxe adverbial condicional



Tradução em português: Se for possível, me envie.
Fonte: Carneiro *et al.* (2020, p. 164).

A oração subordinada de condição, nos trechos (i) e (ii), é marcada pelo sinal “SE” e pela elevação de sobrancelhas. A oração principal está no trecho (iii), conforme Carneiro *et*

al. (2020). Os autores apresentam uma construção do tipo hipotaxe adverbial de condição, caracterizada como eventual, porém sem o uso de um conectivo, embora mantenha marcação não manual observada no dado anterior. A Figura 13, a seguir, ilustra essa construção.

Figura 13 - Hipotaxe adverbial de condição



Tradução em português: (Se) você não precisar, busco o carro e guardo lá na casa do meu amigo surdo.

Fonte: Carneiro *et al.* (2020, p. 164).

A oração subordinada, representada nos trechos (i) a (iv), é marcada por uma expressão facial (elevação discreta de sobrancelhas), sem o uso de sinal lexical.

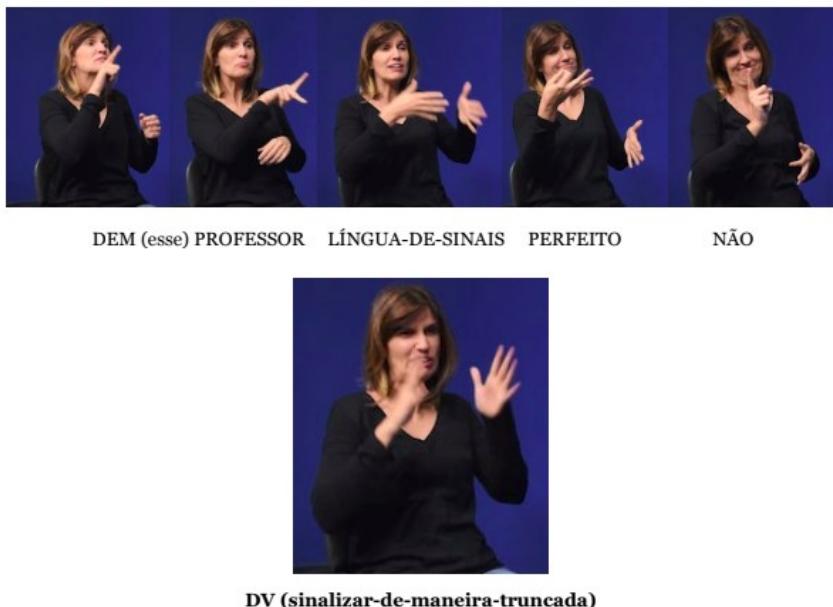
2.2.2.2 Orações adjetivas explicativas

As orações adjetivas explicativas funcionam como uma paráfrase de uma oração nuclear e traz um reforço de informação, um tipo de exemplificação, atuando como um aposto. De acordo com Decat (2001), a oração adjetiva explicativa acrescenta uma informação em relação à oração antecedente que, por sua vez, está delimitada de maneira independente. Nesse caso, essa informação é suplementar, o que a torna uma oração não restritiva por não servir para identificar, de maneira especial, nenhum elemento de um conjunto.

Novamente, a paráfrase é uma função semântico-textual mais representativa que representa um reforço de informação, ou seja, uma exemplificação. Sendo assim, as orações hipotáticas adjetivas explicativas funcionam como adendo, trazendo mais detalhes sobre o estado de coisas que é codificado na oração principal. Por isso, são consideradas orações adjetivas não restritivas.

A Figura 14, a seguir, ilustra uma oração articuladas a nível de hipotaxe, em que a oração dependente se configura como uma adjetiva explicativa em relação à oração principal. No exemplo, a oração dependente retoma a proposição estabelecida na oração matriz, trazendo o significado codificado anteriormente de maneira mais detalhada.

Figura 14 - Hipotaxe adjetiva explicativa



Tradução - Os professores não sinalizavam muito bem: eles sinalizavam de maneira truncada.

Fonte: Rocha *et al.* (2023, p. 159).

A oração principal – DEM (esse) PROFESSOR LÍNGUA-DE-SINAIS PERFEITO NÃO (Os professores não sinalizavam muito bem), é considerada a oração nuclear. A oração – DV (sinalizar-com-defeito) (eles sinalizavam de maneira truncada), é considerada a oração dependente. Elas estão articuladas a nível de hipotaxe, pois a segunda oração faz uma espécie de esclarecimento sobre o evento que é estabelecido na primeira oração, funcionando, assim, como um adjunto da oração nuclear. Em alguma medida, as duas orações trazem uma mesma proposição em relação ao evento codificado. Mas podemos reconhecer também que cada uma delas traz uma perspectivização distinta dessa mesma proposição. A proposição presente na oração matriz é retomada na oração dependente. Essa esclarece aquilo que está dito na oração matriz e, a partir de uma simulação da ação, detalha aquilo que está posto na oração nuclear. A relação hipotática estabelecida é do tipo adjetiva explicativa, em que a oração satélite cumpre uma função de aposto (Rocha *et al.*, 2023).

2.2.3 Subordinação (encaixamento)

O encaixamento (ou subordinação) corresponde orações articuladas em que há uma dependência argumental entre elas. A transitividade do predicado é o elemento central que define a estrutura argumentativa de uma oração. Em orações complexas, toda uma oração que atua como argumento de um predicado. Nesse sentido, o fenômeno da subordinação, por meio do processo de encaixamento, atende a uma exigência sintática, uma vez que as orações subordinadas exercem a função de argumento em relação à oração principal.

De acordo com Neves (2001), no processo de encaixamento, estabelece-se uma relação de dependência total entre a oração subordinada e a oração principal. A oração subordinada (encaixada) integra a estrutura argumentativa da oração principal, sendo imprescindível em sua construção, ao contrário da oração hipotática, que, embora componha o discurso, não faz parte da estrutura sintática da oração principal. A Figura 15, a seguir, ilustra o sinal de encaixamento.

Figura 15 - Sinal de Subordinação



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Nas seções subsequentes, abordaremos as orações subordinadas (encaixadas), também denominadas orações encaixadas, nas suas diferentes classificações, que são: (i) orações subordinadas substantivas e; (ii) orações subordinadas adjetivas restritivas.

2.2.3.1 Substantiva (*subjetiva e objetiva*)

As orações subordinadas substantivas são sentenças que exercem a mesma função de um substantivo dentro da oração principal, ocupando a posição sintática equivalente a um sintagma nominal. Em termos funcionais, correspondem ao argumento de um predicado.

Conforme apontado por Carneiro *et al.* (2020), no caso de sujeito oracional, haveria um verbo de estado que predica uma oração, ou seja, a oração matriz predica uma oração com

função de sujeito. No caso de objeto oracional, a oração principal predica uma outra oração com função de objeto. A Figura 16, a seguir, ilustra uma oração subordinada que desempenha a função de objeto direto de uma oração principal.

Figura 16 - Oração subordinada substantiva (objeto)



Tradução livre em português: Por favor, não esqueçam de trazer os computadores de vocês.

Fonte: Carneiro *et al.* (2020, p. 167).

A construção apresentada na Figura 16 exemplifica a articulação por encaixamento. A oração matriz abrange o trecho (i) até o trecho (iii), enquanto a oração subordinada, que exerce a função de objeto direto da oração principal, inicia no trecho (iv) e se estende até o trecho (vi). Em outras palavras, a segunda oração integra a estrutura argumentativa da primeira. A articulação ocorre por meio de justaposição.

O exemplo na Figura 17, a seguir, ilustra orações articuladas a nível de subordinação, em que a oração dependente cumpre a função de sujeito de uma oração matriz. A articulação acontece por justaposição.

Figura 17 - Oração subordinada substantiva (sujeito)



Tradução: posicionar-se é importante, é ter valor, para o surdo

Fonte: Carneiro *et al.* (2023).

No exemplo, temos o predicado IMPORTANTE, em (iii), que é considerado um verbo de estado (ser importante), pois abrange o significado de ser importante. Este predicado exige um argumento sujeito que, na construção, é ocupada pelo predicado DV (em pé) (posicionar-se), em (i). Dessa forma, vemos o sujeito DV (em pé) atendendo a exigência do predicado IMPORTANTE. Observa-se o sinal É, em (ii), que parece ser um empréstimo da língua portuguesa e que formaria uma locução verbal (ser importante) (Carneiro *et al.*, 2024).

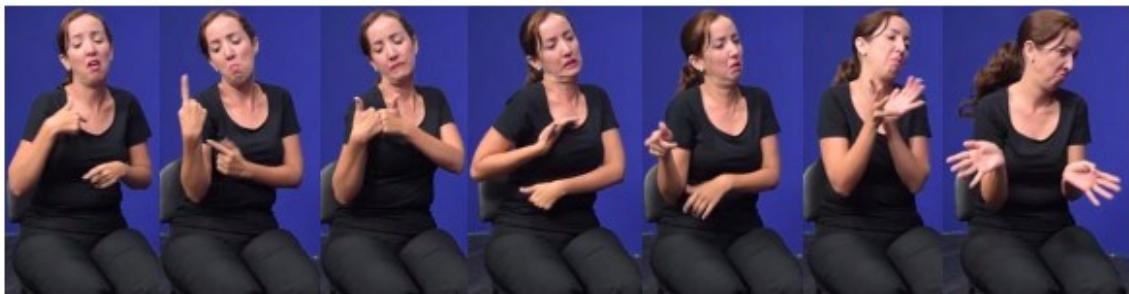
2.2.3.2 Adjetiva Restritiva (relativa)

A análise das adjetivas restritivas (ou relativa) em Libras possibilita compreender como informações adicionais são incorporadas de forma a especificar e delimitar um referente. Trata-se do processo pelo qual um adjetivo restringe o significado de um substantivo específico, fornecendo detalhes cruciais para a compreensão do contexto e do estado de coisas. Essa estratégia linguística nos permite compreender como as adjetivas restritivas em Libras são empregadas para identificar ou qualificar entidades de maneira precisa e inequívoca dentro das estruturas frasais. Carneiro *et al.* (2020) sustentam que

As orações subordinadas adjetivas restritivas funcionam como modificadores, uma espécie de adjetivo da oração principal. Uma língua pode individualizar (modificar) um referente a partir de várias estratégias, que podem abranger (i) o uso de adjetivo (um único lexema), (ii) uma locução adjetiva, ou ainda, (iii) uma oração. Nesse caso, toda uma oração passa a ser o predicador (adjetivo). Assim, uma oração subordinada adjetiva restritiva, ou oração relativa, funciona como um adjetivo (Carneiro *et al.*, 2020, p. 166).

A Figura 18, a seguir, ilustra orações articuladas a nível de subordinação, em que a oração subordinada atua como uma oração adjetiva restritiva (ou relativa).

Figura 18 - Oração subordinada adjetiva restritiva



IX (eu) UM VIIZINHO AMIGO IX (ele) SINALIZAR SÓ

Tradução: Eu tinha uma pessoa que era vizinho amigo, com quem eu sinalizava.

Fonte: Rocha *et al.* (2023, p. 249).

A oração [VIZINHO AMIGO] é a oração relativa restritiva dessa construção, porque especifica alguém [UM]. Essa oração encaixada possui uma marcação não manual específica, ou seja, a face marcada pela boca e a cabeça inclinada. Novamente, a encaixada relativa restritiva especifica alguém [UM] a partir do sintagma [=VIZINHO AMIGO] (Rocha *et al.*, 2023).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Constituição do Corpus da Libras de Palmas-TO

Neste capítulo, é apresentada uma descrição da metodologia adotada nesta dissertação. O trabalho analisa um vídeo de entrevista de uma das sinalizantes do Corpus da Libras de Palmas-Tocantins. Nesse sentido, em um primeiro momento, descrevemos produção dos dados que compõem esse *corpus*, fase em que interações linguísticas são registradas, por meio da gravação de entrevistas, narrativas, conversas livres e eliciação que garantem a obtenção de dados representativos da língua em uso real. Em seguida, a armazenamento dos dados abrange o processo de organização e conservação das informações coletadas, assegurando que os dados sejam devidamente catalogados para futuras análises.

A seleção da sujeitos para a constituição do Corpus da Libras envolve a escolha criteriosa dos participantes, considerando fatores como perfil linguístico, faixa etária, contexto social e outros elementos que possam influenciar a variabilidade linguística na Libras. Esses sujeitos são fundamentais para garantir a representatividade e a diversidade no *corpus* linguístico a ser analisado.

Na etapa subsequente, tratamento e análise dos dados, os dados coletados são transcritos, organizados e analisados, permitindo a identificação de padrões linguísticos e variações na produção da Libras entre diferentes grupos de sujeitos. A análise se dá por meio de ferramentas e metodologias específicas, como o uso do *Software ELAN* para a transcrição e categorização dos sinais.

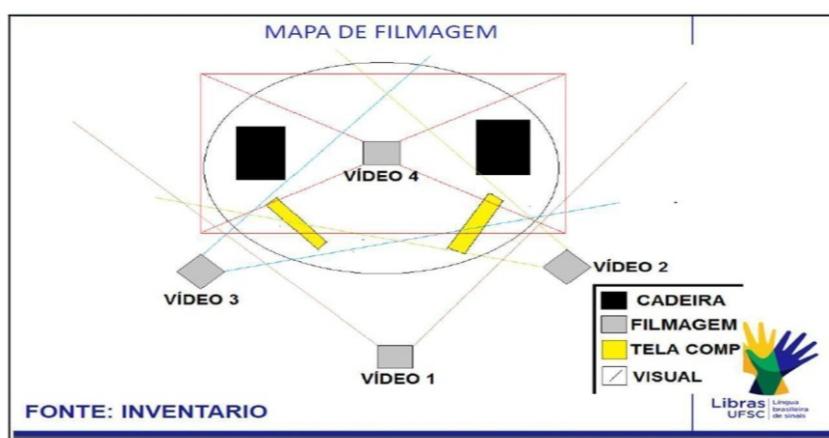
Por fim, na etapa intituladas “trilhas para identificação de Unidades Oracionais Complexas (UOC)”, propõe-se investigar as orações complexas dentro da Libras, focando nas unidades oracionais que vão além da estrutura simples, explorando como as Unidades Oracionais Complexas são formadas, mais especificamente, as orações hipotáticas adjetivas explicativas.

Os dados são analisados através do software *ELAN*, a partir de dados do Corpus da Libras. Os dados são tratados e analisados por um pesquisador que, posteriormente, apresenta os achados para outros integrantes do grupo de pesquisa, para revisar e validar os resultados iniciais.

Os dados pertencentes ao Corpus de Libras da Universidade Federal de Tocantins (UFT) foram coletados por meio de uma variedade de estímulos, com o

intuito de propiciar a produção de vídeos, incluindo: entrevistas, conversação espontânea, narrativas, relatos de histórias de vida, e listas de vocabulário. As coletas ocorreram entre dezembro de 2019 e dezembro de 2023. O processo de coleta foi realizado em um estúdio com fundo azul e iluminação fria e branca, utilizando-se de quatro câmeras de alta definição para a captura das imagens em vídeo. A disposição das câmeras foi organizada de forma a direcionar uma para cada participante, uma outra para capturar os dois informantes de frente e uma última, posicionada de forma superior, para registrar a perspectiva de cima para baixo.

Figura 19 - Espaço de filmagem



Fonte: Inventário de Libras em UFSC (Quadros, 2016).

Antes do início das gravações, o espaço destinado à coleta dos dados émeticamente preparado, levando em consideração uma série de fatores que visam otimizar as condições para a execução dos registros. A organização do ambiente tem como objetivo assegurar que a captura das sinalizações realizadas pelos participantes ocorra de maneira fluida e sem interferências. Para isso, são adotadas medidas estratégicas que incluem a análise do espaço físico, a disposição dos equipamentos e a definição de parâmetros técnicos que garantam a qualidade das imagens e da sinalização captada (Ludwig *et al.*, 2019).

Segundo Ludwig *et al.* (2019), em primeiro lugar, o *layout* do ambiente é planejado de forma a proporcionar aos participantes liberdade de movimento e a eliminação de qualquer fator que possa obstruir ou dificultar a visualização das suas expressões corporais e gestuais. A escolha do local, a altura e o posicionamento das câmeras, bem como a distribuição dos participantes no espaço, são aspectos fundamentais que visam evitar qualquer obstrução no campo de visão. Além disso, a

iluminação é ajustada de maneira a iluminar adequadamente os participantes, sem criar sombras ou distorções que possam prejudicar a visibilidade da sinalização, que é um elemento central para a coleta dos dados.

A preparação do ambiente também envolve a verificação das condições técnicas dos equipamentos de gravação, como câmeras de alta definição, microfones e sistemas de captura de áudio e vídeo, garantindo que todos os dispositivos estejam funcionando de maneira otimizada. A disposição das câmeras é cuidadosamente pensada, com a utilização de ângulos estratégicos que permitam a captura de diferentes perspectivas da interação entre os participantes. A utilização de câmeras posicionadas em pontos distintos do ambiente possibilita a obtenção de registros completos e detalhados, sem a necessidade de interrupções ou ajustes durante as gravações, o que contribui para a fluidez e naturalidade do discurso.

Além disso, é fundamental que o ambiente seja livre de distrações externas que possam desviar a atenção dos participantes ou interferir no processo de sinalização. O controle do ambiente sonoro, visual e até mesmo térmico é essencial para garantir que os participantes se sintam confortáveis e concentrados, o que resulta em uma performance mais autêntica e precisa durante a gravação. A organização prévia do espaço, portanto, desempenha um papel crucial na obtenção de dados de alta qualidade, minimizando a probabilidade de interferências que possam comprometer a integridade dos registros (Ludwig *et al.*, 2019).

Dessa forma, a preparação e organização cuidadosa do espaço antes das gravações são indispensáveis para a produção de um material de pesquisa que seja não apenas válido, mas também fiel às condições originais da interação comunicativa. O comprometimento da equipe de pesquisadores com esses detalhes contribui de maneira significativa para a robustez e a consistência dos dados coletados, possibilitando uma análise mais precisa e confiável das sinalizações realizadas pelos participantes.

Ludwig *et al.* (2019) abordam o processo de coleta, transcrição e validação dos dados, destacando a importância de cada uma dessas etapas na construção e verificação da qualidade das informações obtidas.

A coleta dos dados será realizada por meio de filmagens em um estúdio no Curso de Letras: Libras, da UFT/Câmpus de Porto Nacional. O estúdio de filmagens deverá ser um espaço em que os surdos informantes se sintam à vontade. A equipe de coleta envolverá o pesquisador local surdo, mais uma assistente de filmagens. Haverá um técnico que apoiará a equipe de filmagem, mas só será chamado quando houver necessidade. Além disso, ele não poderá

estar presente no estúdio durante as filmagens, para não haver interferências na coleta dos dados (Ludwig *et al.*, 2019, p. 67).

De acordo com Ludwig *et al.* (2019), como já destacado por Quadros (2016), o estúdio de filmagens utilizado para a coleta dos dados do *corpus* da Libras é equipado com quatro câmeras, cujo objetivo é registrar a sinalização dos informantes a partir de diferentes ângulos. A configuração das câmeras é organizada da seguinte maneira: uma câmera é posicionada à frente dos dois informantes, proporcionando uma visão panorâmica de suas sinalizações. Outras duas câmeras são posicionadas nas laterais, uma mais atrás da lateral do informante 1 para captar a sinalização do informante 2, e a outra, da mesma forma, posicionada na lateral do informante 2 para registrar a sinalização do informante 1. A quarta câmera é instalada no teto do estúdio, proporcionando uma vista panorâmica superior, o que permite capturar a sinalização em sua totalidade.

Essa disposição das câmeras é fundamental para a análise detalhada e precisa dos articuladores manuais e não-manais envolvidos na produção da Libras, conforme abordado por Leite (2008) e Quadros (2016). Essa estratégia visa garantir a coleta de dados abrangente e a observação minuciosa das sutilezas linguísticas presentes nas sinalizações, o que é essencial para a análise de variações e a construção do inventário da língua de sinais (Ludwig *et al.*, 2019).

Figura 20 - Estruturação do espaço do estúdio



Fonte: Quadros (2016), adaptado por Ludwig *et al.* (2019, p. 68).

Sob a orientação de um pesquisador, os sinalizantes foram expostos a um monitor, no qual foram apresentados os estímulos necessários para eliciar as produções linguísticas, compostas por vídeos e imagens. Assim, as produções geradas foram

registradas por meio de um conjunto de quatro câmeras de alta definição, dispostas de forma estratégica para capturar diversos ângulos das interações. Esse processo, coordenado pela equipe de pesquisa, também envolve o armazenamento dos dados tanto em dispositivos físicos quanto eletrônicos, além de permitir a criação de cópias de segurança na nuvem, assegurando a integridade e a preservação dos registros para as fases posteriores de edição e transcrição. Ludwig *et al.* (2019) afirmam que:

Inicialmente, o projeto previa que cada participante teria acesso a um notebook para acesso aos estímulos linguísticos de elicição em Libras. Contudo, após a realização de testes no estúdio do Corpus na UFSC, a fim de atender a comodidade e melhor visibilidade dos estímulos linguísticos, optou-se por instalar 2 monitores ligados a 2 notebooks, a partir dos quais os pesquisadores responsáveis pelas filmagens controlarão os estímulos linguísticos de cada informante. Vale destacar que cada monitor está posicionado na lateral dos informantes, de modo que o informante 1 só terá acesso aos estímulos projetados no monitor ao lado do informante 2, ao passo que o informante 2 verá somente os estímulos linguísticos projetados no monitor ao lado do informante 1. Desse modo, cada informante terá acesso a apenas um conjunto de estímulos, linguísticos não podendo ver os dados projetados para o surdo sentado a sua frente (Ludwig *et al.*, 2019, p. 68).

De acordo com Ludwig *et al.* (2019), a Figura 21 a seguir ilustra as imagens de vídeo capturados pela disposição das quatro câmeras.

Figura 21 - Captura de imagens em vídeo



Fonte: Corpus de Libras de Palmas (2019).

Os tópicos e temas abordados neste estudo foram cuidadosamente estruturados de acordo com os parâmetros e diretrizes estabelecidos pelo Corpus de Libras da UFSC.

Esse alinhamento visa garantir a consistência e a uniformidade na coleta e análise dos dados linguísticos, mantendo uma base sólida para comparações e avanços na pesquisa sobre Libras. Contudo, ao adaptar os temas e conteúdo para a realidade específica da UFT, foi necessário realizar algumas modificações no que diz respeito à abordagem dos temas relacionados à conversação espontânea.

É importante salientar que, enquanto o Corpus de Libras da UFSC estabelece um conjunto de temas que refletem práticas linguísticas e contextos variados, os temas relacionados à conversação espontânea demandaram ajustes consideráveis devido à sua natureza temporal e contextual. A conversação espontânea, por ser um fenômeno linguístico dinâmico, reflete as situações e os acontecimentos presentes no momento da interação. Sendo assim, para esse tema específico, foram incorporados elementos contemporâneos, ou seja, temas que estavam sendo discutidos e vivenciados no período de coleta de dados. Tais modificações permitiram que o *corpus* da UFT não apenas segue a estrutura original do projeto da UFSC, mas também se atualizasse de acordo com os eventos e questões atuais, o que contribui para a maior relevância e aplicabilidade dos dados coletados em contextos socioculturais mais próximos da realidade local (Ludwig *et al.*, 2019).

Esse processo de adaptação não implica, no entanto, em uma alteração dos princípios metodológicos que fundamentam o Corpus de Libras. Pelo contrário, ao integrar eventos contemporâneos à conversação espontânea, a Universidade Federal do Tocantins (UFT) não apenas preservou a integridade metodológica da pesquisa, mas também ampliou seu escopo, permitindo que o estudo da Libras reflita de maneira mais precisa as variações e transformações linguísticas que ocorrem no cotidiano dos surdos e em seus contextos de comunicação. Foram incluídos os temas *praias fluviais* e *queimadas no período de secas*. Assim, o trabalho realizado pela UFT deu continuidade à pesquisa iniciada pela UFSC, mantendo o compromisso com a qualidade e rigor científico, mas também incorporando novos elementos que contribuem para o enriquecimento e atualização dos dados do Corpus de Libras.

Em termos de impacto, essa contribuição vai além da simples continuidade do trabalho. A UFT, ao ajustar os temas de conversação espontânea e ao incorporar elementos atuais, ofereceu uma perspectiva mais abrangente e contemporânea do uso de Libras, permitindo que os pesquisadores tenham acesso a dados mais atualizados e representativos vivenciadas pelos surdos.

3.1.1 Produção dos dados

Ludwig *et al.* (2019) destacam que, para assegurar a consistência metodológica e a uniformidade nos processos de coleta de dados, o Projeto Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais da UFSC adota critérios rigorosos que visam à padronização dos procedimentos em todas as etapas da pesquisa. Nesse contexto, houve um esforço na coleta de dados provenientes da Região Metropolitana de Palmas, em consonância com as diretrizes estabelecidas por este projeto nacional. Essa abordagem específica, embora necessária para a manutenção da homogeneidade dos dados, implica uma delimitação geográfica que, por sua vez, condiciona o alcance e as características do Corpus a ser gerado. De acordo com as considerações de Ludwig *et al.* (2019),

Apesar de a primeira fase do projeto envolver apenas a região metropolitana de Palmas, na segunda fase do projeto pretendemos fazer a coleta dos dados de outras regiões do Estado do Tocantins. Para tanto, serão redefinidos o número de informantes, a metodologia de coleta e a escolha dos informantes, em conjunto com o projeto Matriz, Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, da UFSC, coordenado pela Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros (Ludwig *et al.*, 2019, p. 65).

De acordo com Ludwig *et al.* (2019), a Região Metropolitana de Palmas (TO) é regulamentada pela Lei Estadual Nº 2.824, datada de 30 de dezembro de 2013. Esta região é composta por 16 municípios, os quais são: Palmas, Aparecida do Rio Negro, Barrolândia, Brejinho de Nazaré, Fátima, Ipueiras, Lajeado, Miracema do Tocantins, Miranorte, Monte do Carmo, Oliveira de Fátima, Paraíso do Tocantins, Porto Nacional, Pugmil, Silvanópolis e Tocantínia, conforme ilustrado na Figura 22.

Figura 22 - Mapa da Região Metropolitana de Palmas –Tocantins



Fonte: Ludwig *et al.* (2019, p. 65).

Ludwig *et al.* (2019), por outro lado informa que

No escopo do presente projeto, a pesquisa iniciará a constituição do inventário da Libras com um corpus que representa a língua brasileira de sinais em uso na região metropolitana de Palmas, Estado do Tocantins. A constituição do corpus de Libras em Palmas vai envolver uma equipe de pesquisadores do Curso de Libras: Libras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, com o apoio da Coordenadora do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, Profa. Dra. Ronice Quadros, da Universidade Federal de Santa Catarina. A definição dos instrumentos e do detalhamento do formato do Corpus da Libras foi constituída nesta primeira etapa, em que já são realizadas as primeiras coletas de dados do Inventário de Libras com a perspectiva de expansão de um projeto nacional. O projeto iniciou, portanto, com o Estado de Santa Catarina e, neste segundo momento, essa proposta está sendo replicada nos demais Estados; dentre eles o Tocantins, que conta com a participação de pesquisadores e colaboradores locais (Ludwig *et al.* 2019, p. 66).

Após a produção dos dados, os vídeos são editados, catalogados e armazenados nos *backups* do projeto.

3.1.2 Armazenamento dos dados

O armazenamento dos dados é uma etapa muito relevante para a constituição do *corpus* numa pesquisa. No caso das línguas de sinais, em que os registros são feitos por meio de vídeos, é necessário muito espaço para armazenamento dos dados. Todos os dados coletados através das filmagens estão armazenados em 4 *backups*:

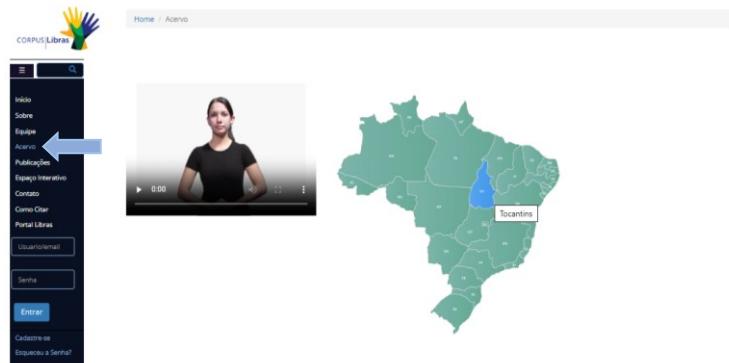
1. O primeiro encontra-se num HD externo de 20 TB, localizado no Curso de Letras/Libras;
2. O segundo está armazenado no servidor da UFT;
3. O terceiro está disponível na nuvem, compartilhado através do *Google Drive*;
4. O quarto encontra-se num HD externo de 10 TB, que está sob os cuidados do Coordenador do Projeto.

Foram utilizados dispositivos eletrônicos físicos, além de espaço na nuvem. Quando cada projeto é finalizado, os dados coletados na Universidade Federal do Tocantins (UFT) são transportados para o Corpus de Libras¹, sendo armazenados no servidor da UFSC. Além disso, esses dados são compartilhados e estão disponíveis em

¹ Disponível em: <http://www.corpuslibras.ufsc.br>.

*The Language Archive*², que se trata do arquivo internacional que armazena e mantém seguro os dados linguísticos de diferentes países.

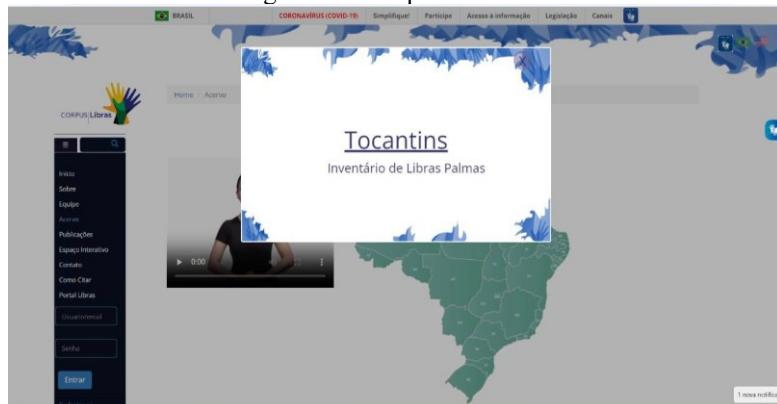
Figura 23 - Publicado na página online do Corpus de Libras



Fonte: Corpus de Libras: versão Grande Tocantins (2019).

Ao acessar a página do Corpus de Libras, selecione “Acervo” no menu para que seja visualizado o inventário da Libras da Grande Tocantins. Essa página está disponível em <https://corpuslibras.ufsc.br/dados>, conforme ilustrado na imagem abaixo:

Figura 24 - Corpus da Libras



Fonte: Corpus de Libras – UFSC (2024).

Os conteúdos presentes no Corpus de Libras estão acessíveis em que estão disponíveis uma gama de investigações, oferecendo potencial significativo para o avanço de futuras pesquisas. Este *corpus* já inclui seções dedicadas ao inventário da Libras de Alagoas (UFAL), de Santa Catarina (UFSC), de Surdos Referência, entre outras. Os dados da Região de Palmas-TO ainda não estão disponíveis. Estados que ainda não possuem dados catalogados neste *corpus* poderão, em um futuro próximo,

² Disponível em: <https://tla.mpi.nl>.

contribuir para a expansão e enriquecimento do banco de dados, promovendo uma maior abrangência e diversidade na documentação da Libras em diferentes regiões.

3.1.3 Seleção dos sujeitos da pesquisa

Os participantes que contribuíram para a constituição do *corpus* são recrutados por meio de uma seleção criteriosa, considerando-se fatores como a fluência na língua de sinais, a disponibilidade para participar das gravações e a diversidade de perfis entre os informantes. No processo de amostragem, busca-se uma ampla representação das diversas variáveis sociais que podem influenciar o uso de Libras, como faixa etária, gênero, e contexto social. O objetivo é garantir uma amostra diversificada que possibilite a análise das variações linguísticas presentes na língua de sinais e como essas variações se manifestam em diferentes grupos de sinalizantes.

Cada sujeito é entrevistado de forma individualizada, o que significa que as interações são realizadas de maneira a proporcionar um ambiente seguro e confortável para o participante. Um membro da equipe de pesquisa é responsável por conduzir as entrevistas, garantindo que o processo de coleta de dados seja realizado com atenção aos detalhes, proporcionando aos participantes uma oportunidade de se expressar de maneira espontânea e autêntica. Durante as entrevistas, são feitas perguntas iniciais simples sobre aspectos pessoais dos sujeitos, como nome, idade, local de nascimento, e informações sobre o conhecimento de Libras por parte da família. Essas questões iniciais servem para estabelecer uma relação de confiança entre o pesquisador e o participante, de modo que o sujeito se sinta mais à vontade para interagir livremente, sem pressões externas.

O caráter não invasivo e acolhedor das entrevistas permite que os informantes se sintam mais à vontade para compartilhar suas experiências de forma genuína. Esse processo de construção de confiança é fundamental para que os sujeitos produzam respostas em Libras de forma mais natural, sem o receio de estar sendo excessivamente observados ou julgados. Ao longo das entrevistas, o colaborador da pesquisa expande os temas abordados, o que permite ao participante se expressar sobre uma variedade maior de tópicos, tornando a interação mais rica e reveladora sobre as práticas comunicativas dos sujeitos. Nesse momento, a sinalização tende a se tornar mais fluida e espontânea, uma vez que os informantes já se encontram mais à vontade no contexto da entrevista.

A produção de textos espontâneos, como observada neste processo, é essencial para que os dados coletados representem de maneira fiel e precisa as formas linguísticas reais usadas pelos falantes de Libras. Ao eliminar o controle excessivo sobre os sinais e ao permitir que os participantes se expressem com liberdade, a pesquisa busca capturar a língua de sinais em sua forma mais autêntica, sem as distorções que poderiam ser geradas por situações de observação artificial ou pela preocupação com uma “performance” linguística idealizada. Dessa forma, a análise dos dados coletados reflete as nuances da comunicação natural entre os indivíduos, considerando não apenas os aspectos estruturais da língua de sinais, mas também os componentes contextuais e sociais que influenciam a comunicação cotidiana dos sujeitos.

Durante as entrevistas, cada participante ocupa uma posição diante do colaborador responsável pela condução da entrevista, que, por sua vez, também utiliza um monitor para exibir uma série de imagens relacionadas a categorias específicas. A partir desse estímulo (elicitação), o participante é solicitado a realizar o sinal correspondente à imagem exibida, permitindo que a interação seja registrada por meio de gravações em vídeo. Esse procedimento possibilita a observação das variações linguísticas em Libras, especialmente no que se refere às diferenças nas produções dos sinais entre indivíduos de diferentes faixas etárias, incluindo jovens, adultos e idosos. A Figura 25, a seguir, ilustra a etapa de entrevista.

Figura 25 - Exibição de imagens em vídeo da entrevista



Fonte: Corpus da Libras de Palmas (2025).

Após a coleta dos dados, as produções linguísticas registradas são transcritas utilizando o Software *ELAN*, ferramenta especializada para a análise de dados multimodais. A transcrição digital permite a codificação precisa dos sinais, possibilitando uma análise detalhada das variações ocorridas. Esse processo de

transcrição e análise proporciona uma visão quantitativa e qualitativa dos fenômenos de interesse, permitindo identificar com precisão quantas e quais variações foram utilizadas pelos participantes, além de possibilitar uma reflexão sobre as possíveis influências etárias e sociais nas diferentes formas de produção da Libras.

Especificamente para esta pesquisa, sobre orações complexas na Libras, mais especificamente sobre as orações adjetivas explicativas, foi selecionado o vídeo da etapa de entrevista de uma das sinalizantes do Corpus da Libras da Região de Palmas-TO. O vídeo apresenta 10'50", a partir do qual, fizemos a identificação e análise de orações.

Nesta pesquisa, identificamos e analisamos sete orações adjetivas explicativas. Observamos que as orações adjetivas explicativas são articuladas a partir da quebra de um padrão prosódico em relação à oração principal. Observamos também uma pausa distintiva durante a sinalização dos constituintes da sentença secundária.

3.2 Tratamento e análise dos dados

O tratamento e a análise dos dados para esta pesquisa parte das reflexões de uma pesquisa maior, interinstitucional, envolvendo pesquisadores surdos e ouvintes que trabalham com a descrição linguística da Libras, de quatro instituições brasileiras (Alagoas, Tocantins, Florianópolis, Ceará e Brasília). Na oportunidade, os integrantes realizaram um workshop para tratar sobre a descrição de unidades oracionais complexas na Libras. Houve discussão e padronização de análise de dados através do Elan.

O 37º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) reuniu pesquisadores de diversas partes do Brasil, proporcionando um ambiente de troca de conhecimentos e experiências. O evento teve uma duração de três dias, ocorrendo entre os dias 3 e 5 de outubro de 2023.

O evento foi realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), localizado em Niterói, cidade do Rio de Janeiro. A programação do evento incluiu um minicurso com o tema “Unidades Oracionais Complexas”, conduzido pela professora Ronice Muller de Quadros. A programação contou com a participação ativa de surdos e ouvintes, que, juntos, formaram uma verdadeira roda de conversa. Esse espaço proporcionou discussões profundas e relevantes sobre a delimitação de sentenças, orações complexas e sua tipologia (parataxe, hipotaxe e subordinação).

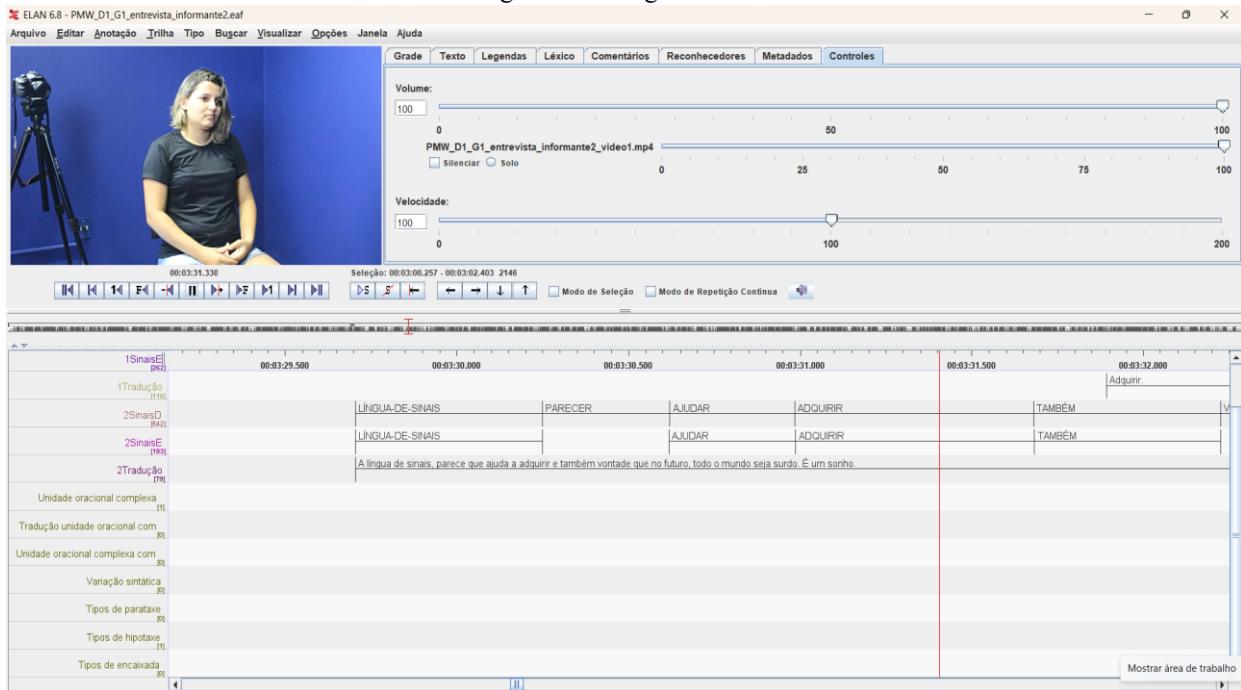
Ao final do evento, todos os participantes retornaram às suas respectivas localidades, mas continuamos a nos reunir virtualmente por meio do *zoom*, onde

mantivemos as discussões centradas em três temas principais: parataxe, hipotaxe e subordinação. Cada estado, por sua vez, organiza encontros mensais via *zoom*, com o objetivo de dar continuidade à pesquisa, a qual envolve a análise de vídeos para verificar a presença desses elementos linguísticos. As reuniões ocorrem quinzenalmente e têm uma duração aproximada de duas horas. Vale ressaltar que não há intérprete nas reuniões, uma vez que as discussões são conduzidas diretamente em Libras. Esse processo de colaboração e intercâmbio de ideias segue ativo até os dias atuais, mantendo a dinâmica de aprendizado e evolução contínua.

Após essa contextualização, apresentamos os dados obtidos. Em seguida, discutimos os resultados com o apoio de um *corpus*, destacando como as orações adjetivas explicativas emergem a partir das respostas dos participantes. No que tange à análise dos dados, foi imprescindível abordar a essência dos problemas identificados, com o objetivo de direcionar a investigação para as orações adjetivas explicativas e, assim, buscar soluções para as questões levantadas durante o processo de análise.

Para a realização desta investigação, inicialmente eu assisti e analisei cada vídeo, identificando os padrões prosódicos. Em seguida levei essas análises para o grupo de pesquisa da UFT, onde foram debatidas e realizadas novas análises reelaboradas coletivamente. Posteriormente, eu revisava os vídeos individualmente para consolidar as considerações coletivas. A Figura 26, a seguir, ilustra o panorama da análise de vídeos através do Elan.

Figura 26 - Imagem do Elan



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A apresentação dos dados foi disponibilizada por meio do escaneamento do QR Code e *link* do *YouTube*. É importante destacar que os padrões de manifestação de orações hipotáticas adjetivas explicativas são descritos, a partir de uma provável quebra do padrão prosódico. Os dados também foram traduzidos para o português.

3.3 Trilhas para identificação de Unidades Oracionais Complexas

Nesta seção, é apresentada a categorização das articulações linguísticas, com foco nas relações que se estabelecem entre as orações e seus elementos, considerando principalmente a proposição que emerge do discurso. Para isso, foram criados TRILHAS para o registro das UNIDADES ORACIONAIS COMPLEXAS e VOCABULÁRIO CONTROLADO para a categorização dos tipos de relações entre as orações.

Dentre as categorias de tipos de articulação temos a PARATAXE, que engloba as articulações entre orações que se apresentam no mesmo nível hierárquico, estabelecendo relações de adição, oposição ou alternativa, por meio de estratégias sindéticas (com conjunções) ou assindéticas. Em seguida, temos a HIPOTAXE, caracterizada pela dependência de uma oração em relação a outra, com destaque para as orações causais, explicativas, comparativas, conclusivas, condicionais, temporais e de

finalidade e adjetivas explicativas, por meio de estratégias sindéticas (com conjunções) ou assindéticas. Finalmente, temos o fenômeno da SUBORDINAÇÃO ou ENCAIXAMENTO, que se manifesta por meio das orações relativas, as quais se subdividem em restritivas ou substantivas (que podem ser subjetivas e objetivas), sendo exploradas suas funções dentro da estrutura sintática. Assim como as demais categorias, estivemos atentos às manifestações sindéticas (com o uso de conectivo) e assindéticas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Estratégia: quebra no padrão prosódico

Nesta seção, apresentamos cinco dados de orações articuladas a nível de hipotaxe do tipo adjetivas explicativas. Assim, há uma oração principal cujo estado de coisas é parafraseado em uma oração dependente, que remete à concepção estabelecida na primeira proposição como um adendo, ou ainda, um aposto.

A partir dos dados, sugerimos que a articulação entre a oração principal e a oração adjetiva explicativa acontece a partir de uma quebra do padrão prosódico, a partir do uso de estratégias não manuais. De acordo com Barbosa (2019), a prosódia pode guiar a interpretação sintática de uma sentença. Nestes casos, os constituintes prosódicos permitem a enumeração adequada da estrutura sintática de cada sentença e, assim, marcam constituintes sintáticos, fornecendo uma explicação secundária à informação principal.

Em (1), a seguir, identificamos uma unidade oracional complexa na libras, em que vemos uma oração condicional, com suas constituintes proposição condicionante (prótase) e proposição condicionada (apódose). A oração condicionante é codificada em SE MORAR FAZENDA (seu morar na fazenda), e a oração condicionada é DIFÍCIL (é difícil). Na análise, consideramos o sinal DIFÍCIL como verbo (ser difícil). Observamos que entre as orações mencionadas, há uma oração adjetiva explicativa, que traz uma informação complementar em relação à proposição que é estabelecida na oração anterior. A oração IX (eu) VERDADE MORAR FAZENDA (eu, de fato, morava na fazenda) é considerada um adendo em relação à proposição estabelecida na oração anterior. Há uma quebra do padrão prosódico que delimita a oração adjetiva explicativa.

(1)



+



Tradução em português: Se morasse na fazenda, eu, de fato, morava na fazenda, seria difícil.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Durante a articulação das orações que foram a unidade oracional complexa condicional, ou seja, oração condicionante e oração condicionada, a cabeça da sinalizante está inclinado para a lateral. Vemos que em SE MORAR FAZENDA (se morasse na fazenda), a cabeça adota essa posição. Essa construção é seguida pela oração adjetiva explicativa, que adota um outro padrão prosódico. Observamos que em IX (eu) VERDADE MORAR FAZENDA (eu, de fato, morava na fazenda), a cabeça adota uma posição neutra e os olhos ficam mais abertos. Após, durante a articulação da oração condicionada, em DIFÍCIL (seria difícil), a cabeça da sinalizante volta a ficar inclinada, retornando ao padrão prosódico anterior.

Dessa forma, em (1) a oração adjetiva explicativa é marcada por um padrão prosódico específico, que quebra o padrão prosódico anterior: cabeça posicionada no centro e olhos mais abertos.

Em (2), a seguir, identificamos uma unidade oracional complexa em que vemos duas orações articuladas a nível de parataxe do tipo conjuntiva (aditiva), sendo que a segunda oração paratática apresenta ainda uma oração encaixada (substantiva objetiva). A primeira oração paratática é IX-2(eles dois) DISCUTIR (Os dois discutiram), que é seguida de uma oração adjetiva explicativa, codificada em HOMEM IX-2(eles dois)

(eram dois *meninos*). A seguir, temos a segunda oração paratática que é codificada a partir da incorporação do referente. Neste caso, o próprio corpo codifica a ação de falar do participante meninos. Trata-se de um discurso direto, codificado em DISCUTIR IX (*você*) MULHER BONITA QUER DAR SINAL SINAL-Lorrane) (e disseram “você é uma menina bonita e queremos te dar o sinal Lorrane”).

A oração HOMEM IX-2 (eles dois) (eram dois meninos) é considerada um adendo em relação à proposição estabelecida na oração anterior. Há uma quebra do padrão prosódico que delimita essa oração adjetiva explicativa.

(2)



Tradução em português: Surdos, foram dois surdos. Os dois discutiram, eram dois meninos, e disseram “você é uma menina bonita e queremos te dar o sinal *Lorrane*”.



<https://youtu.be/wiy4mnBsX0s>



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Durante a articulação da primeira oração paratática, em IX-2(eles dois) DISCUTIR (Os dois discutiram), a sinalizante está com olhar direcionado para a lateral e com os lábios levemente pressionados. Essa construção é seguida pela oração adjetiva explicativa, que adota um outro padrão prosódico. Observamos que em HOMEM IX-2(eles dois) (eram dois meninos), a sinalizante direciona o olhar para a frente, que está direcionado para o interlocutor que a entrevista, e há um discreto franzir da testa (elevação das sobrancelhas). Após, a sinalizante articula a segunda oração

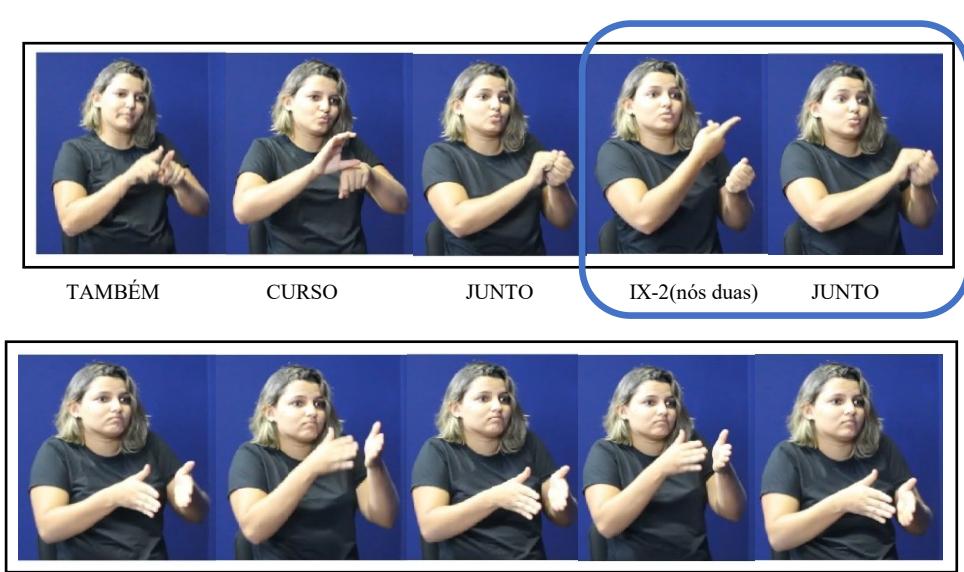
paratática. Neste caso, ela articula o sinal **DISCUTIR**, a retomar a proposição anterior, e incorpora o referente *meninos* para articular a segunda oração paratática, em **DISCUTIR IX (você) MULHER BONITA QUER DAR SINAL SINAL-Lorrane**) (e disseram “você é uma menina bonita e queremos te dar o sinal Lorrane).

Dessa forma, em (2) a oração adjetiva explicativa é marcada por um padrão prosódico específico, que quebra o padrão prosódico anterior: mudança da direção do olhar e falar da testa.

Em (3), a seguir, identificamos uma unidade oracional complexa em que vemos duas orações articuladas a nível de parataxe do tipo conjuntiva (aditiva). A primeira oração paratática é **TAMBÉM CURSO JUNTO** (também cursávamos juntas), que é seguida de uma oração adjetiva explicativa, codificada em **IX-2(nós duas) JUNTO** (nós duas estávamos juntas). A seguir, temos a segunda oração paratática que é codificada em **IR ++** (e frequentávamos assiduamente).

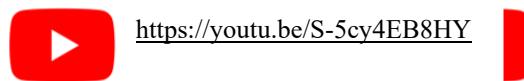
A oração **IX-2(nós duas) JUNTO** (nós duas estávamos juntas) é considerada uma informação complementar em relação à proposição estabelecida na oração anterior. Há uma quebra do padrão prosódico que delimita essa oração adjetiva explicativa.

(3)



IR ++

Tradução em português: Também cursávamos juntas, nós duas estávamos juntas, e frequentávamos assiduamente.

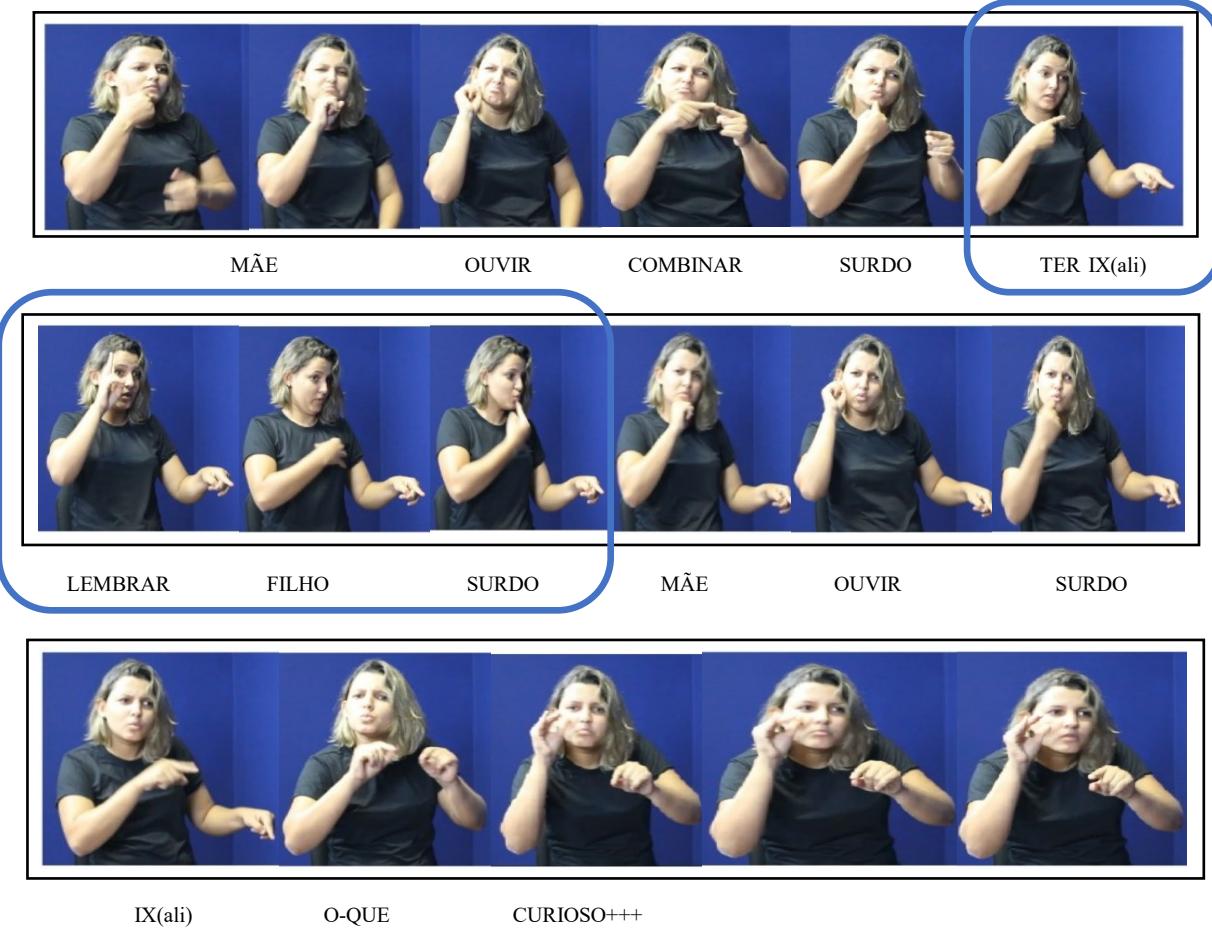


Fonte: Dados da pesquisa (2025).

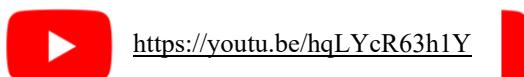
Durante a articulação de toda a unidade oracional complexa, o olhar da sinalizante está direcionado para o interlocutor que a entrevista. Durante a articulação da oração adjetiva explicativa, a sinalizante adota um padrão prosódico específico. Observamos que em IX-2(nós duas) JUNTO (nós duas estávamos juntas), a sinalizante franze a testa, elevando as sobrancelhas e parece abrir mais os olhos. Essa marcação distingue essa oração das demais, que parecem ser articuladas com um padrão de expressão facial não marcado.

Em (4), a seguir, identificamos uma unidade oracional complexa em que muitas orações são articuladas. Observamos duas orações articuladas a nível de parataxe conjuntiva (aditiva), em que a segunda oração paratática é também formada por uma subordinada (encaixada) substantiva objetiva, a partir da incorporação do referente. As duas orações paratáticas são MÃE OUVIR COMBINAR SURDO (a (minha) mãe ouviu e reconheceu que aquilo era adequado para surdos). Os predicados são OUVIR e a incorporação do referente, que realiza a ação construída de RECONHECER. Durante a incorporação, a sinalizante *reconhece* que COBINAR SURDO, que cumpre a função argumental de objeto do predicado *reconhecer*. Em seguida, há a articulação da oração adjetiva explicativa, codificada em TER IX(alí) LEMBRAR FILH@ SURD@ (tinha (um surdo) e lembrou da filha surda), que traz um adendo em relação ao predicado *reconhecer*, trazendo informações complementares à proposição estabelecida, como um adendo. Por fim, a sinalizante articula outras duas orações paratáticas do tipo conjuntiva (aditiva). Na primeira das orações paratáticas, a sinalizante retoma a proposição inicial, ou seja, o discurso parece repetir a primeira oração paratática antes da articulação da adjetiva explicativa. Isso pode ser observado em MÃE OUVIR SURDO IX(alí) (a (minha) mãe ouviu aquilo sobre o surdo). Em seguida, a sinalizante articula a segunda oração paratática, em O-QUE++ CURIOSO++ (e ficou interessada).

(4)



Tradução em português: A (minha) mãe ouviu e reconheceu que aquilo era adequado para surdos, tinha (um surdo) e lembrou da filha surda, a (minha) mãe ouviu aquilo sobre o surdo e ficou interessada.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Novamente, a proposição contida na oração TER IX(alii) LEMBRAR FILH@ SURD@ (tinha (um surdo) e lembrou da filha surda) é considerada uma informação complementar. Há uma quebra do padrão prosódico que delimita essa oração adjetiva explicativa. Observamos uma elevação das sobrancelhas e um discreto deslocamento da cabeça da sinalizante, que marca a oração adjetiva explicativa e contrasta com o padrão não manual antes e depois de sua articulação.

Em (5), a seguir, vemos a articulação de uma oração adjetiva explicativa. Inicialmente, a sinalizante articula o predicado IX(eu) SURDO DAR (os surdos me deram o sinal), que é seguida de uma oração adjetiva explicativa, codificada em DV(pequeno) CRIANÇA (eram duas crianças). Essa sentença traz informações

adicionais ao sintagma SURDO, explicitando características dos participantes de maneira complementar, ou seja, essa informação pode ser suprimida pois não restringe o estado de coisas. Em seguida, a sinalizante articula a oração SINAL Sinal-Lorrane (me deram o sinal-Lorrane). Há uma quebra do padrão prosódico que delimita a oração adjetiva explicativa.

(5)



Tradução em português: ...porque, os surdos me deram o sinal, eram duas crianças, me deram o sinal-Lorrane.



<https://youtu.be/wZ-2GivvbF0>



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Durante a articulação da oração adjetiva, codificada em DV(pequeno) CRIANÇA (eram duas crianças), observamos uma mudança no padrão prosódico da oração principal. Vemos que a sinalizante discretamente fecha os olhos durante a articulação da oração adjetiva explicativa. Após, o padrão de abertura dos olhos durante a articulação da última oração segue conforme estava anteriormente à articulação da adjetiva explicativa. Dessa forma, consideramos que há uma quebra do padrão prosódico a delimitar a oração adjetiva explicativa.

4.2 Estratégia: pausa distintiva

Nesta seção, apresentamos dois dados de orações articuladas a nível de hipotaxe do tipo adjetiva explicativa. Novamente, há uma oração principal cujo estado de coisas é parafraseado em uma oração dependente, que remete à concepção estabelecida na primeira proposição como um adendo, ou ainda, um aposto.

Da mesma forma que a seção anterior, reconhecemos que a articulação entre a oração principal e a oração adjetiva explicativa acontece a partir de uma quebra do padrão prosódico. Neste caso, as orações que estão articuladas a nível de hipotaxe do tipo adjetiva explicativa parecem ter um padrão prosódico codificado de maneira não manual. Observamos que parece haver uma pausa distintiva a partir de um prolongamento da suspensão, ainda que de maneira discreta. As orações que formam a construção adjetiva explicativa parecem trazer informações complementares sobre a proposição estabelecida na oração principal, a partir de uma enumeração que acontece com essa pausa distintiva (prolongamento da suspensão).

Em (6), a seguir, uma unidade oracional complexa em que observamos a presença de orações articuladas a nível de hipotaxe do tipo adjetiva explicativa. A oração principal é MÃE FELIZ (minha mãe estava feliz), cuja proposição é explicitada pelas orações seguintes. As orações seguintes são duas orações paratáticas do tipo conjuntiva (aditiva), que juntas formam uma adjetiva explicativa em relação à oração principal. Essa construção está codificada em INCENTIVAR LUTAR O-QUE IX (eu) MELHOR FUTURO QUAL (incentivava e lutava por aquilo que era melhor para o meu futuro). Observamos um padrão prosódico específico a partir do prolongamento da suspensão, criando, assim, uma pausa distintiva e enumeração.

(6)



Tradução em português: (Minha) mãe estava feliz: incentivava e lutava por aquilo que era melhor para o meu futuro.



<https://youtu.be/dflJUyuLeM8>



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Após a articulação da oração principal, observamos uma pausa distintiva que marca a construção adjetiva explicativa. O primeiro predicado que forma a construção adjetiva explicativa é o verbo INCENTIVAR. Após a articulação deste sinal, observou-se uma suspensão do sinal, que poder reconhecida por uma permanência das mãos, quase que configurando-se com a palma para cima. Em seguida, há a articulação do sinal LUTAR, que também observamos uma suspensão do sinal, em que também há uma permanência das mãos, também discretamente se configurando com a palma para cima. Observamos também um deslocamento do tronco para frente e para a posição sua posição inicial. Parece haver uma enumeração. Dessa forma, há uma marca prosódica específica durante a articulação das orações que formam a construção adjetiva explicativa.

Em (7), a seguir, encontramos um padrão articulatório semelhante. A oração principal é BARREIRA TER-NÃO (não há barreiras), cuja proposição é explicitada pelas orações seguintes. As orações seguintes formam uma adjetiva explicativa em relação à oração principal. Essa construção está codificada em INTERAGIR ENCONTRAR CONVERSAR ENCONTRAR CONVERSAR (você interage normalmente, encontra e conversa, encontra e conversa). Observamos um padrão prosódico específico a partir do prolongamento da suspensão, criando, assim, uma pausa distintiva e enumeração.

(7)



Tradução: Não há barreiras: você interage normalmente, encontra e conversa, encontra e conversa.

 <https://youtu.be/uG2jQaLdEF0>

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Após a articulação da oração principal, observamos uma pausa distintiva que marca a construção adjetiva explicativa. O primeiro predicado que forma a construção adjetiva explicativa é o verbo INTERAGIR. A sinalizante eleva o queixo, muda a direção do olhar e parece prolongar tempo de articulação. Após a articulação deste sintagma, em seguida, há a articulação dos sinais ENCONTRAR CONVERSAR, que são articulados mais à esquerda da sinalizante e, após, há a articulação dos sinais ENCONTRAR CONVERSAR, que são articulados mais à direita da sinalizante. O sintagma ENCONTRAR CONVERSAR é reduplicado em pontos distintos do espaço de sinalização, indicando eventos e participantes distintos.

Assim, a pausa parece ser efetivada a partir do uso produtivo do espaço de sinalização, em INTERAGIR ENCONTRAR CONVERSAR ENCONTRAR CONVERSAR, como uma espécie de enumeração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propõe a descrever a articulação das orações hipotáticas do tipo adjetivas explicativas, ainda que a partir de considerações iniciais. A análise das Unidades Oracionais Complexas (UOC) configura-se como um campo crucial para o entendimento das dinâmicas discursivas, especialmente no que se refere às orações adjetivas explicativas, que desempenham um papel significativo na estruturação do discurso. Essas orações parecem funcionar como estratégias de talhadoras no processo de construção de sentidos, ampliando a riqueza discursiva da mensagem transmitida.

A interação entre os diversos elementos presentes nas orações adjetivas explicativas é de suma importância para o entendimento dessa articulação em contextos comunicacionais complexos. Esses elementos não funcionam isoladamente, mas estão intimamente interligados a um tecido discursivo maior, em que a combinação e a sequência dos componentes não apenas organizam a informação, mas também determinam a eficácia da retórica.

A análise das UOC a partir do Corpus da Libras, como proposto neste estudo, possibilitou iniciarmos a descrição de orações adjetivas explicativas na Libras, a partir de dados da língua em uso. O *corpus* utilizado neste estudo foi composto por sete orações complexas articuladas a nível de hipotaxe do tipo adjetiva explicativa. No que concerne aos resultados, um dos pontos principais da análise está na identificação da quebra no padrão prosódico.

Dentre as estratégias de articulação de orações adjetivas explicativas na Libras, identificamos a quebra do padrão prosódico em relação à oração principal. Ou seja, oração adjetiva explicativa apresenta uma prosódia distinta, marcando a oração, que acontece a partir de (1) inclinação de cabeça e olhos mais abertos, (2) mudança na direção do olhar e elevação das sobrancelhas, (3) olhos mais abertos e elevação das sobrancelhas, (4) discreto fechamento dos olhos.

Uma outra estratégia de articulação de orações adjetivas explicativas na Libras, observada nos dados, é a pausa distintiva de maneira a construir um tipo de enumeração. Essa estratégia também estabelece um padrão prosódico específico, diferente do padrão prosódico da oração principal. Vemos que essa estratégia acontece por (1) uma suspensão do sinal, que poder reconhecida por uma permanência das mãos por um tempo maior que o canônico, ainda que de maneira discreta, e (2) articulação de sinais em pontos diferentes do espaço de sinalização, criando, assim, essa pausa e enumeração.

Novamente, a oração adjetiva explicativa se insere como um adjunto explicativo, qualificador da oração principal, adicionando-lhe uma característica ou uma informação adicional. A oração adjetiva explicativa é, portanto, uma oração hipotática que, ao contrário das orações adjetivas restritivas, não limita ou especifica o substantivo que modifica, mas, sim, oferece uma informação adicional e explicativa.

Por fim, consideramos que mais dados precisam ser analisados para encontrarmos outras estratégias e realizarmos generalizações mais robustas sobre a articulação de orações adjetivas explicativas. As considerações encontradas se referem aos dados coletados. Mais uma vez, mais pesquisas descritivas precisam ser realizadas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. D. S. **As expressões e as marcas não-manais na língua de sinais brasileira.** Dissertação (Mestrado em Instituto de Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- BRASIL. **Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 out. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe em Língua Brasileira de Sinais -Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS2002/L10436.htm>. Acesso em: 20 out. 2020.
- BERNARDINO, E. L. A.; MARTINS, D. A.; MOURA, J. C. B. de; BASTOS, S. V. A ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva. **Signótica**, Goiânia, v. 32. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/62990>. Acesso em: 19 jul. 2024.
- BOSSAGLIA, G. A tipologia linguística. In: BOSSAGLIA, G. **Linguística comparada e tipologia**. São Paulo: Parábola, 2019. p. 97-131.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 59-83.
- CARNEIRO, Bruno Gonçalves; KHOURI, José Ishac Brandão El; LUDWIG, Carlos Roberto. Articulação de orações em Libras: um breve panorama. **Humanidades & Inovação**, v. 7, p. 153-170, 2020.
- CARNEIRO, Bruno Gonçalves; KHOURI, José Ishac Brandão El; SANTOS, Thamara Cristina; LUDWIG, Carlos Roberto. Parataxis, hypotaxis, and subordination in Brazilian Sign Language: a brief introduction. **Porto**, v. 18, 2023. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/11545>. Acesso em: 19 jul. 2024.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Sintaxe da oração básica da língua portuguesa**. Goiânia: Editora da UFG, 2023.
- CAVALCANTE, Sávio André de Souza; RODRIGUES, Vileta Virginia; COAN, Márluce. Sintaxe: articulação de orações. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza. **Linguística Geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. São Paulo: Editora Pimenta, 2020, p.56-100.
- KHOURI, José Ishac Brandão El, SANTOS, Thamara Cristina; ROCHA, Bruno Silva Pedra da; LUDWIG, Carlos Roberto; CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Hipotaxe Adverbial de Finalidade na Libras. **Porto Das Letras**, n. 9, n. spe., p. 509-526, 2023.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

- GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- GREENBERG, Joseph H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. *In*: GREENBERG, Joseph H. (ed.). **Universals of Language**. Standford: Standford University Press, 1963. p. 58-90.
- JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. **Australian Sign Language**: An introduction to sign language linguistics. Cambridge University Press. New York, 2007.
- LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras)**: Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LIDDELL, Scott. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LUDWIG, Carlos Roberto, *et al*. Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Palmas-Tocantins: Metodologia de Coleta e Transcrição de Dados. **Porto das Letras**, v. 5, p. 59-74, 2019.
- MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas on-line**, Juiz de Fora, p. 289-304, 2011.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática Funcional**: Interação, discurso e texto. São Paulo: Editora Contexto, 2021.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Estudar os usos linguísticos. Ou: A visão funcionalista da linguagem. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 15-34.
- NEVES, Maria Helena de Moura. O tratamento da articulação de orações. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura. **Descrição do português**: definindo rumos de pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001. p. 55-66.
- VLASECHI, G. S. **Vestibular, estudo de caso**: prosódia na tradução. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2015.
- VELUPILLAI, Viveka. **An introduction to Linguistic Typology**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.
- QUADROS, R. M. Documentação da Língua Brasileira de Sinais. Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística. GARCIA, M.V. C. (orgs). Brasília, DF: Iphan, 2016, p. 157-174
- QUADROS, R. M. de; SILVA, J. B.; ROYER, M.; LUDWIG, C. R.; CARNEIRO, B. G.; KHOURI, J. I. B. E.; PAULUS, L.; RODRIGUES, A.; SEGALA, R.; ALEIXO, F.

Sentenças. *In: QUADROS, R. M. de (org.). Gramática da Libras.* Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021.

RODRIGUES, Angélica. As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional. *Sensos*, v. 6, n.1, 2019.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure**: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. *Studies in Linguistics Occasional Papers* 8. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960.